

CADERNOS DO CONSELHO

JOÃO

EM PESSOA



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

CADERNOS DO CONSELHO

JOÃO

EM PESSOA



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

CADERNOS DO CONSELHO

JOÃO

EM PESSOA

João Manuel Cardoso Martins
Manoel Eduardo Alves Camargo e Gomes

Curitiba
CRM-PR
2016

AUTORES: João Manuel Cardoso Martins
Manoel Eduardo Alves Camargo e Gomes
COORDENADOR: Luiz Ernesto Pujol
EDITOR: Hernani Vieira
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Victória Romano
CAPA E ILUSTRAÇÕES: Deisi Casarin
REVISÃO: Lisandra Pezoti

Toda a coleção do conteúdo da revista *Iátrico* está disponível no Portal do CRM-PR (www.crmpr.org.br/publicacoes), onde podem ser conferidas também as obras "Jaculatórias - sugestões para o dia a dia do médico" e "Primeiras Impressões - *Iátrico* em Perspectiva" e, ainda, as "Trilhas do *Iátrico*".

C173j

Gomes, Manoel Eduardo Alves de Camargo e
João em Pessoa / Manoel Eduardo Alves de Camargo e Gomes,
João Manuel Cardoso Martins. - Curitiba: Conselho Regional de
Medicina do Paraná, 2016.
106 p. Série Cadernos do Conselho
ISBN 978-85-92804-01-5
João Manuel Cardoso Martins – Vida e Obra 2. Medicina e Profissão
3. Arte e Poesia I. Título

CDD 928.69

MENSAGEM

*“Cultura não é um saber memorizado; isso é erudição.
Cultura é um saber reflexivo. Cultura é o que sobra
quando esquecemos o que memorizamos.”*

JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS

Foi intenso em tudo que fez. Em suas atitudes e ensinamentos. A profissão de fé foi além da Medicina, despertando-se também no jornalismo cultural. A faísca surgiu ainda no período de graduação, sob inspiração de *O Crânio*, jornalzinho mimeografado que agitou o meio acadêmico e muito mais. Nessa época, em tempos de regime militar, o João Manuel estava na Católica e, eu, na Evangélica, ajudando a dar vida ao centro acadêmico Prof. Daniel Egg. Nossos sonhos e ideais eram singulares, mas, “quis o destino”, estivemos em caminhos e paragens diferentes.

O Conselho de Medicina colocou-nos próximos. Debutando no colegiado, em 2003, deparei-me com o início da obra ímpar do IÁTRICO, brotando de um encarte do jornal institucional. Socorro-me às escritas do próprio para entender que ele não “fugia da raia” quando instado a se manifestar, terçador natural de ideias que era, sempre com a humilde expectativa de provocar. Ensinava o aprender a ler o direito e o avesso e a se contextualizar para ter opinião. Sabia como poucos que aprender a pensar conduz à liberdade, o nosso bem maior, a nossa lei.

No IÁTRICO, que ganhou estatura de revista pelo vigor de junção arte e medicina, não assinava seus artigos, que eram maioria e muitas vezes vinham revestidos de pseudônimos, como o crítico e poético Emanuel Sá. Entendia que se o fizesse viraria culto à personalidade, o que abominava. Também, porque poderia podar vaidades. Era um entrevistador de vivos e mortos, as mais vívidas “reportagens” com Fernando Pessoa e Somerset Maugham, mas passando por outras personagens de seu círculo de admiração, sempre com muito bom humor, criatividade, sensibilidade e domínio de conteúdo.

Sempre deixou claro que a sua intenção editorial não se concentrava na ciência, que perece rápido, embora os seus famosos memes e reflexões sobre erros comuns em especialidades, alimentadas pelos colaboradores, trouxessem luz tanto quanto as consagradas “jaculatórias”. Do passeio pelas artes plásticas, literatura, cinema, poesia e música fazia seu semear sereno e paciente do conhecimento. Dizia usar a poesia por ser bela e livre, suscitar o inesperado, provocar reações, daí a alma. Ao lê-la, ensinava que somos obrigados a tirar algo de nós. Mais que isso, nada ou ninguém pode se apropriar desse sentimento.

Dos seus medos, confidenciava, era do ridículo e de ficar gagá. De perder a dignidade. Temores desnecessários à sua personalidade. Teve coragem, sabedoria e discernimento até ao final de sua jornada. Num de seus últimos escritos, fixou: “Quando chegamos perto, queremos ser cúmplices do passado, rememorar o que a memória amou e deixou esparsa no tempo que não é mais nosso. Quando chegamos perto queremos captar os instantes que nos felicitaram, que nos fizeram dizer: valeu a pena! E são tão poucos!”

De imaginária prateleira de venturas e desventuras de uma vida bem vivida, nosso querido mestre admitiu que, se pudesse, tiraria “um monte de coisas”. Mas, inquirido em entrevista pelo Prof. Manoel Eduardo Alves Camargo e Gomes, sobre alguma coisa especial que gostaria que estivesse nessa prateleira e não estava, decretou: “O livro da minha vida!”. Esse livro agora existe sob o legado de ensinamentos e exemplos deixados pelo Dr. João Manuel, presentes de várias formas, inclusive em sua arte literária e cultural emprestada à medicina brasileira.

Sua contribuição ao CRM-PR é vasta e está perpetuada num conjunto que inclui o libreto *Médico: dicas para o seu dia a dia*, os livros *Jaculatórias – sugestões para o dia a dia do médico* e *Primeiras impressões – Iátrico em perspectiva* e a sequência de publicações da revista IÁTRICO, também disponibilizadas pelos meios físico e digital, além da série Trilhas Sonoras do IÁTRICO, com seus 33 álbuns de apurado gosto musical.

João, em Pessoa pode não ser o livro da vida, mas um capítulo. Um capítulo em que temos o médico, professor, escritor, poeta, pai de família e amigo na grandeza de sua alma, capaz de uma despedida com absoluta serenidade. Vindo criança da terra de Camões e Fernando Pessoa, tinha-os como seus inspiradores poéticos. Mensagem era o título do livro em que desejava reunir suas reflexões. Nomeação homônima da obra que Pessoa publicou em 1934, um ano antes de sua morte, no qual 44 poemas estão agrupados em três etapas do Império Português, reverenciando grandes personagens históricos para representar o nascimento, a realização e a morte, seguida de um renascimento.

Contrariamos o título, mas aproximamos João de Pessoa neste renascer de esperança dos ensinamentos hipocráticos sob a mensagem dos provocativos jatos de ideia do nosso médico-escritor. E sob seu espírito desafiador, um excerto do verso do poeta português em sua única obra publicada enquanto estava vivo:

*“Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!”*

*Baste a quem baste o que Ihe basta
O bastante de Ihe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.”*

Luiz Ernesto Pujol, Presidente do CRM-PR.



PREFÁCIO

Minha história com o João é antiga. Começou na década de setenta. Eu tinha cerca de 14 anos. Na simplicidade de seu minúsculo consultório, a compenetração daquele jovem médico prenunciava um brilho profissional ainda latente.

Foi amizade à primeira consulta! Desde então tornou-se meu médico e de minha família. Atendia-nos no consultório, em casa, por telefone. O papo começava sempre com “e aí, cara?”, seguido de um discreto sorriso. Apenas uma vez coube a mim a pergunta. Foi na última visita que lhe fiz na UTI. Com a dignidade de sempre, ofereceu-me o que podia – o sorriso.

Fomos amigos do primeiro ao último dia ao longo de quatro décadas! Uma amizade aprendiz, sustentada pelo respeito à diferença de saberes e de opiniões, mas nutrida por uma semelhança ética, que sempre convertia nossas conversas em duelos na busca de consensos transformadores. Nunca tivemos medo das respostas, tampouco, das perguntas.

A gênese desta entrevista repousa em um convite: ser o primeiro não médico a estar entre seus alunos residentes da Santa Casa. Era no salão nobre; apenas duas cadeiras, a minha e a dele. Falamos sobre a falibilidade da ciência, tendo como pano de fundo a responsabilidade civil com fundamento em erro médico. Fui provocando pelas bordas: o risco da certeza, a humildade científica, a insuficiência do saber técnico...

As provocações reverberaram em um jantar, ocasião em que fomos às nuvens, com a impressão de que o voo deveria ser documentado para ser compartilhado. No retorno à casa, surgiu a ideia: “tínhamos que ter gravado nossa conversa!”. Não sei se a iniciativa foi minha ou dele, mas de imediato marcamos um encontro com o compromisso de virmos com o gravador em punho.

Foram alguns jantares e muitas horas de gravação. Mas, entre amigos há pressupostos que dispensam verbalizações, há silêncios cúmplices, há ditos cujos sentidos só a história revela. Essas gravações eram ininteligíveis para terceiros. Devíamos retomar o formato de entrevista.

Sua paixão por Fernando Pessoa inspirou-me a formular as perguntas “furtando” fragmentos poéticos de seu autor predileto. Intitulei a entrevista de “Eu, João, em Pessoa”. A última parte dela fizemos em uma de suas sessões de quimioterapia. Uma sessão permeada de vida. Passados alguns dias, ele foi internado. Em minha primeira visita, ele instigou: “Aguarde-me, sua entrevista não vai ser mole”.

Gostaria muito de conhecer suas perguntas, certamente mais do que tê-las respondido. Quem o conheceu sabe: ele não era nada fraco com as palavras. Mas paciência, entre receber as perguntas e possuir as respostas, prefiro o que tenho. É este pequeno legado que, a pedido do Conselho Regional de Medicina, reparto com a classe médica do Paraná. Compartilho-o porque presumo a autorização do João:

“Achei ótima a entrevista com os textos do Pessoa. Nunca imaginei que num curto espaço de tempo conseguiríamos falar sobre tanta coisa. Só que terei que copidescar o texto, sem mudá-lo, claro. Mas só poderei fazê-lo para o final do ano, tendo em vista tudo que tenho de produzir antes disso. Acho que poderíamos deixar esta entrevista como capítulo um, com o título Mensagem, único livro do Pessoa em vida, fora os publicados em língua inglesa. Acho que com o tempo vai dar livro. Um abraço do amigo de sempre, João Manuel.”

A entrevista que segue não teve copidesque, uma lapidação que só ele saberia fazer. Há ganhos também nessa perda, temos o João como o ouvíamos. Que neste reencontro com as suas palavras seja igualmente possível ouvir o “não dito”, o aparente silêncio da tessitura da narrativa, espaço onde o diálogo realmente se constitui e onde João, como ninguém, gostava de estar.

Manoel Eduardo Alves Camargo e Gomes



"Adoro quem é dissonante, provocador. É com quem mais aprendo, mas só quando acompanhado de refinamento e elegância intelectual. O simplesmente do contra é um mero conservador às avessas."

Este livro é dedicado à memória do Dr. João Manuel, provocador refinado que nos deixa uma obra multifacetada, alicerçada na ética, no conhecimento e sob raro talento no olhar às artes. Um pouco da sua alma, da sua espontaneidade, está presente nesta entrevista do gênero pingue-pongue, com um não menos provocador Manoel Eduardo. No entremeio da conversa, "jatos de ideias" consagrados na revista IÁTRICO e no livro *Jaculatórias - dicas para o dia a dia do médico*.

O Editor

PARTE I



IDENTIFICANDO O
JOÃO POETA, SONHADOR
E FÃ DE PESSOA





MANOEL EDUARDO — Sei de sua ligação, tão profunda quanto duradoura, com nosso conterrâneo que teve vários nomes, entre os quais o de Fernando Pessoa. Resolvi convocá-lo para estar conosco nesta conversa. Que ele fale com a poesia que é a sua fala! Nós? Nós falamos com a nossa prosa, a prosa de amigos.

A primeira pergunta eu intitulei “O passado no presente”:

*O que fui de coração e parentesco,
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!ⁱ*

Você poderia dizer como Pessoa, em *O Guardador de Rebanhos*, “a criança eterna acompanha-me sempre, a direção do meu olhar é seu dedo apontando”? Ou, negando a presença do menino João no homem João, só tem restado uma dualidade que o limita a “comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes”? Como tem estado esta distância entre você e o seu ser menino? Aquela criança que brincava na calçada da periferia em Lisboa, ainda brinca em Curitiba?

JOÃO MANUEL – Não só em Curitiba, não só em Lisboa, como na mansão dos meus avós, aonde eu, menino, ia com o meu tio, que tinha a minha idade, meu tio mais novo, comprávamos papo seco, pães no padeiro, distante. E quase sempre surripiávamos algum papo seco na ida...

♦

MANOEL EDUARDO – Papo seco?

♦

JOÃO MANUEL – É um tipo de pão. Um francesinho, que a gente pegava quentinho. Então, sejam os papos secos da minha infância, sejam os figos, que a gente roubava, eles estão tão presentes quanto é presente um paciente que eu atendi hoje. O que se acrescentava, na verdade, foram camadas de conhecimento, camadas de vínculos.

♦

MANOEL EDUARDO – Saberes.

♦

JOÃO MANUEL – É isso que aconteceu, camadas. Mas, o núcleo é a criança, e o núcleo é que é o essencial. A célula não funciona sem o núcleo. Então, para mim, a criança é o núcleo, e eu prezo a criança que eu fui.

♦

O conhecimento não dá conta do real.

♦

MANOEL EDUARDO – E como essa criança se manifesta no presente? Manifesta-se, por exemplo, no sentimento, no riso, no lúdico?

♦

JOÃO MANUEL — Vou te dar um exemplo prático de como é que essa criança se manifesta. O meu time primeiro, e, portanto, eu diria, se é o primeiro time é aquele com o qual você tem um vínculo mais forte. Ele era da primeira divisão portuguesa. Quando eu era menino pequeno, meu pai me levava ao campo de futebol. Era um time intermediário da primeira divisão. A partir do final dos anos 60, ele passou a ter uma derrocada e foi baixando para a terceira divisão. Chegou à segunda divisão, mas terminou nos últimos lugares; de novo vai descer mais uma divisão. Mas, para você ver como é que o menino está presente e como é que a internet é importante, acompanho até hoje. E, na medida do possível, até tentando saber o nome dos jogadores. Coisa que não teria a menor importância sem você vê-los jogar, entendeu? Que importância teria, digamos, um Ângelo sem você ver jogar o Ângelo? Sem saber, sem ter uma figurinha do Ângelo? Mas, então, está presente até hoje nesse grau.

♦

MANOEL EDUARDO — Presente da ausência.

♦

JOÃO MANUEL — É uma coisa muito prática que eu estou dizendo para você, uma coisa do futebol. Agora, você imagine as coisas que são mais profundas sob o ponto de vista de emoção, não é?

♦

MANOEL EDUARDO — É sobre isso que eu ia lhe perguntar. Por exemplo, é identificável esse núcleo do João menino na prática médica, na figura do pai?

♦

JOÃO MANUEL — É.

♦

MANOEL EDUARDO — Em que medida?

JOÃO MANUEL – Veja, se eu vou me reportar a esse menino, eu sou obrigado a dizer que eu adquiri duas coisas absurdamente essenciais: uma, a honestidade do pai; a outra, o afeto da mãe. Então, a conjugação da honestidade do pai e do afeto da mãe...

♦

*Seu maior mérito intelectual é: educar-se sem ensino.
Nunca deixe o currículo prejudicar sua formação. Mas uma
instrução formal o livra de suas limitações. Deixe florir
sua personalidade devidamente educada e reeducada.¹*

♦

MANOEL EDUARDO – Está na tua prática cotidiana.

♦

JOÃO MANUEL – Está na minha prática cotidiana. Eu não seria o João que eu sou hoje, se eu não tivesse o pai e a mãe que eu tive. E sei perfeitamente que esses traços sejam de suposta honestidade... Veja, eu estou me atribuindo ser honesto. Na realidade, eu estou querendo ser honesto quanto o meu pai foi honesto. E o afeto da minha mãe, quer dizer...

♦

MANOEL EDUARDO – E está no coração do João menino...

♦

JOÃO MANUEL – Sem dúvida.

♦

MANOEL EDUARDO – Que outros adquirem a honestidade ao longo da vida profissional, não é?

¹ Jaculatórias, p. 115

JOÃO MANUEL — É isso que faz com que, por exemplo, jamais me passou pela cabeça tirar algo de alguém.



MANOEL EDUARDO — Isso está na sua estrutura?



JOÃO MANUEL — Eu tive exemplos concretos dessa honestidade. Vou dizer, por exemplo, meu pai foi motorista de táxi em Lisboa, zona portuária, pega um gringo, um americano, e leva num determinado hotel. Quando sai desse hotel, ele, depois de um tempo, olha atrás e vê um pacote. Ele vai, pega o pacote — dólares. Então, é um pacote de dinheiro. Não sei que americano era esse, não sei se era um bandido, se era um traficante...



*Fama ou notoriedade só é boa para manter trabalho.
A autoestima deve ser alimentada por convicções
racionais e não pelo aplauso emocional.²*



MANOEL EDUARDO — Tampouco o seu pai?



JOÃO MANUEL — Nem o meu pai sabia. Sabia onde ele tinha deixado o gringo. Foi ao hotel, falou: “Olha, eu sou motorista e deixei um americano aqui. E ficou uma coisa no meu carro que eu preciso entregar pessoalmente para ele”. Chamaram o americano, o americano desceu, era o próprio, e ele entregou o pacote. No dia seguinte, o americano publicou no Diário de Notícias, que era o principal jornal de Lisboa, um anúncio dizendo o que tinha ocorrido, dando louros ao meu pai. Muito bem, o meu pai recortou a notícia e a vida inteira trouxe este recorte na carteira. Era o atestado de idoneidade dele, que eu tenho até hoje.

² Íátrico, v. 35, p.57

MANOEL EDUARDO – Merecia até um quadro na sala, não é?

♦

JOÃO MANUEL – Só não merecia estar num quadro porque ficaria meio cabotino, tipo: “Ó, estou...”. Eu também sou assim. Quer dizer, e eu não posso dizer que sou assim. Eu nem posso dizer que, em uma situação dessa, eu agiria da mesma maneira.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas o que é incontestável é que isso pulsa na base causal da sua ação, não é?

♦

JOÃO MANUEL – Claro.

♦

MANOEL EDUARDO – Isso está ali.

♦

JOÃO MANUEL – Como o afeto da minha mãe faz com que eu nunca quisesse mal a um paciente meu, mesmo que ele me tenha maltratado. Eu sempre tive a intenção, porque o que vale é a intenção.

♦

MANOEL EDUARDO – Claro.

♦

Devemos ler primeiro para ter memória. São nossas leituras que criam as melhores e mais duradouras memórias. Devemos ler para aprender a pensar. Nisso não há salvação. Só com leitura e posterior reflexão aprendemos a articular melhor nossas memórias, a lhes dar organização e consistência, e a poder, com isso, dialogar criativamente com os outros e consigo mesmo. Finalmente devemos adquirir sabedoria.³

³ Iátrico, v. 29, p. 04

JOÃO MANUEL – A prática é outra coisa, a prática pode dar certo ou não, mas o que é absurdamente essencial é a intenção. E sempre tive a intenção de ajudar. E isso é baseado na afetividade da mãe, evidente.

♦

MANOEL EDUARDO – Claro, sem dúvida. Você conseguiria estabelecer uma diferença entre a afetividade da sua mãe e o seu tipo de afetividade?

♦

JOÃO MANUEL – Ah, são diferentes. Porque a afetividade de todas as pessoas é diferente, porque entram os componentes genéticos e vivenciais das experiências que você tem. Mas, há coisas que são marcantes. Por exemplo: nós chegamos ao Brasil, Arapongas, começo da terra vermelha, nenhuma rua calçada etc e tal, casa de madeira, sem mata-junta. A minha mãe fez uma mesa de cozinha com uma caixa de bacalhau e quatro pernas. E o que é que eu via? Eu via a minha mãe lavando aquela caixa, que era a mesa de jantar, de almoçar. Então, eu acho que os princípios eu tive – e os quais eu prezo de total maneira, até por ser médico, claro que teve reforço enorme da mãe.

♦

MANOEL EDUARDO – Você deu um grande exemplo de honestidade do pai. Qual o exemplo desta afetividade da sua mãe que o senhor teria para dar? Qual momento, um beijo...?

♦

JOÃO MANUEL – Eu ia com ela, menino, pré-escolar, a um mercado em Lisboa, tipo um mercado municipal, onde ela comprava verduras e algumas frutas. Como o orçamento era baixo, ela comprava uma banana apenas, e eu vinha chupando a banana; eu não comia a banana, eu chupava a banana para manter por mais tempo o gosto da banana.

Eu, quando criança, fui um pouquinho enjoado para comida e, sempre que possível, ela pegava e fritava um ovo para mim, que eu

adorava. Que eu secava a gema no pão e depois cortava finamente as camadas da clara, comendo aquilo com uma satisfação enorme. Por isso, quando eu soube que o Mário Soares, o que ele mais gostava era comer... Quando eu soube, eu falei: “São dois, cara!”.

Aí, houve um episódio muito interessante, porque é quando eu vim fazer cursinho, terceiro ano científico em Curitiba. Eu comia na UP, e aí chegou lá no mês de maio, junho, acabou lá a verba do governo e tal, não tinha carne na UP. Então, todos os dias, almoço e jantar, era arroz, feijão, uma salada e ovo. Macarrão, salada e ovo. Trinta dias de ovo. Aí, no cursinho teve lá uma semana de férias e eu voltei ao norte do Paraná para visitá-los. Primeira refeição que a minha mãe me deu: ovo.

♦

MANOEL EDUARDO – E não podia fazer cara feia. Não podia recusar...

♦

JOÃO MANUEL – Não podia. E ela sabia que há trinta dias que eu comia ovo. Por mais que eu gostasse, eu não aguentava mais ovo. É ovo frito, é ovo cozido, eu não aguentava mais ovo.

♦

Afinal, a beleza está em quem não tem medo de criar ou inventar na trincheira das necessidades humanas. Em que não tem medo de professar que existem três tipos de homens: aqueles que criam obras; aqueles que as colecionam, mesmo que seja em memória; e aqueles que nem as conhecem. Estes são ignorados; os segundos, geralmente aplaudidos. E os primários, normalmente criticados.⁴

♦

MANOEL EDUARDO – Mas não deixa de ser uma demonstração de afeto, já que ela fez algo de seu gosto.

⁴ Iátrico, v. 28, p. 59

JOÃO MANUEL – E há de se convir também no seguinte, veja, eu fui filho único, a minha irmã nasceu 18 anos depois. Então, claro que ela acabou colocando muito do afeto em mim. E houve nisso um problema, meu pai era motorista de táxi, muito, no dia da folga, ele se reunia com os amigos. E, no dia da folga, ele tomava umas e outras a mais, e aí chegava em casa, vomitava etc. E aí, ela ralhava com ele, ela brigava com ele. Claro, como qualquer mulher fazia, não é? Mas limpava as coisas, fazia as coisas, entendeu? Quer dizer...

♦

MANOEL EDUARDO – Um afeto...

♦

JOÃO MANUEL – Eu sempre digo o seguinte: a minha mãe, o mundo dela foi o mundo interno. O que é que eu desejo dizer com isso? Ela foi o mundo da casa, o mundo da casa, ela não teve o mundo externo, não vindo para o Brasil, sempre o mundo interno. Então, o grande prazer dela era, se você fosse convidado para jantar na casa dela, que apreciasse sua comida. Se você elogiasse a comida dela, era o que bastava.

♦

MANOEL EDUARDO – Era o que pesava no mundo interno.

♦

JOÃO MANUEL – Então, era isso que pesava no mundo interno. Quer dizer, limpeza, organização, comida, não comida sofisticada, mas bem-feita, sabe? Quer dizer, faz uma galinha ao molho pardo, mas tenta fazer a melhor galinha ao molho pardo. Entendeu? Isso aí.

♦

*Diálogo e monólogo, essências do humano.
Uma boa maneira de navegar em busca de
novas descobertas. Para isso, ler é preciso.⁵*

⁵ Íátrico, v. 29, p. 06

*Para viver com poesia é necessário bons sentimentos.
Estes não se controlam, a contrário do comportamento.
Sentimentos são emoções que podem clarear nossos
dias. E não só. Se impregnados de poesia dão asas à
nossa fantasia, dão-nos uma inquietude benfazeja
que leva a sério a criança dentro de nós e brinca com
o adulto que nos habita. Assombra essa criança e faz
o adulto reaprender permanentemente pela via da
observação. Pois, observação é o verdadeiro treino,
o olhar interessado, é a urgência de perceber. De
perceber a poesia em tudo, de viver com a poesia.⁶*

♦

MANOEL EDUARDO — A segunda questão eu intitulei:
“Portugal-Brasil”:

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!ⁱⁱ*

Como foi para você atravessar o mar vindo para o Brasil como um imigrante? Quais as lembranças da sua infância em Portugal? Os primeiros tempos no Brasil foram muito difíceis? Até quando se sentiu, aqui, um imigrante? Há, em você, duas pátrias ou há uma delas pretérita, sem, portanto, ser presente? Ficaram, por você, noivas sem casar?

♦

JOÃO MANUEL — O mar salgado de Portugal... Para mim, ele é um pouco diferente desse mar salgado da poesia de Fernando Pessoa. Porque claro que o Fernando Pessoa falava sobre perdas e mudanças, perdas e mudanças fundamentais na vida das pessoas. Eu não tive...

⁶ Iátrico, vol. 28, p. 05

Em princípio eu tive perda, não ficava noiva sem casar, mas depois eu vou explicar, porque no começo houve um pouco de perda, mas o fundamental foi a mudança. A mudança foi brutal. Foi brutal, porque eu cheguei...

♦

MANOEL EDUARDO – Você tinha quantos anos?

♦

JOÃO MANUEL – Oito anos. Então, você imagine alguém que tem oito anos, que está iniciando o segundo ano lá e que chega aqui e que tem que recomeçar o segundo ano... Eu vivia em Lisboa, capital de Portugal, embora numa casa extremamente simples e tal, mas vivia numa capital.

♦

MANOEL EDUARDO – Conhecia o interior?

♦

JOÃO MANUEL – Conhecia o interior, que lá chamamos província. Conhecia a província dos meus avós, então eu sabia o que era o interior, mas as coisas que eu prezava mais eram as de Lisboa, o que eu prezava do interior eram as brincadeiras; e de Lisboa eram as possibilidades.

Aí eu atravesso o Atlântico e fico 15 dias vendo apenas céu e água, céu e água. E a minha mãe, durante 15 dias, ficou restrita ao leito vomitando. Não saiu da cabine. Meu pai levava coisas para ela. Nós viajamos de terceira classe em um navio inglês chamado *Highland Monarch*, navio de pequeno porte. O meu pai, evidentemente, que se reunia com os seus amigos para jogar cartas etc e tal, e eu ficava sozinho. Sozinho! Eu, o céu e o mar. Então isso é de uma dramaticidade enorme, e uma vantagem...

♦

MANOEL EDUARDO – Teve a ver com o livre acesso ao navio?

JOÃO MANUEL – Na terceira classe tinha livre acesso. Teve uma vantagem isso: eu perdi o medo de morrer afogado. Aí eu chego ao Rio de Janeiro... Em Lisboa estava acostumado, porque o meu pai fazia a zona portuária, havia muito africano da Guiné, desses lugares, que eram azuis, pretos azuis! Azuis! Literalmente azuis! Aí eu chego no Rio de Janeiro e vejo os pretos marrons, entendeu? Porra quem são esses, nem brancos, nem pretos! Isso do convés! Porque nós não descemos no Rio de Janeiro.

♦

MANOEL EDUARDO – Ah, não desceram no Rio?

♦

JOÃO MANUEL – Não! O navio atracou no Rio de Janeiro, porque alguém ficou no Rio de Janeiro, ficou lá algumas horas. E depois nós fomos para Santos. Nós desembarcamos em Santos. Então, aí eu encontro São Paulo, aonde o meu pai ia trabalhar... Um negócio terrível, entendeu? De arranha-céu já na época etc e tal... Quer dizer... E aí eu saio de São Paulo, uma cidade muito maior, muito mais complexa, de poucos dias, e vou para o norte do Paraná no início do norte do Paraná.

♦

MANOEL EDUARDO – De ônibus?

♦

JOÃO MANUEL – De ônibus. No início do norte do Paraná. Cara! Uma outra mudança incrível! Aí vou morar numa casa de madeira muito simples, sem mata-junta, cheia de frestas.

♦

MANOEL EDUARDO – Em Rolândia?

♦

JOÃO MANUEL – Não, Araçongas. Depois é que fomos para

Rolândia, porque o meu pai foi aprender o ofício... Aí é preciso rememorar: o meu pai, motorista de táxi, na zona portuária ele pega o Alberto Dias. Quem era o Alberto Dias? Era um dos dois donos do Dias Martins, o maior atacadista do sudeste do Brasil. Antigamente, o que existia, não era supermercado, era “secos e molhados”. Eles que forneciam “secos e molhados”. Então eles tinham filiais pelo sul, pelo sudeste, e como atacadistas, tinham os viajantes que iam até as cidades pequenas e vendiam os produtos deles. Então, o Alberto Dias tinha horror de frio – como eu tenho – e passava o verão no Brasil e o verão em Portugal, seis meses aqui e seis meses lá. Aí, numa dessas, o meu pai pegou o Alberto Dias e o levou até uma casa que ele tinha na província do estado da Beira Baixa, o meu estado, onde eu nasci, na Beira Baixa. Aí ele chega para o meu pai e fala assim: “José, você não quer ficar comigo nos próximos seis meses para a gente andar aí por Portugal, para você me levar para os lugares?” Aí o meu pai falou: “Não, mas eu tenho família, e tal, tenho a praça!” “Quanto é que você ganha?”, indagou. O meu pai disse lá quanto ganhava. Ele dava umas três vezes mais do que o meu pai ganhava. Bem, o que é que aconteceu? O meu pai ficou empregado todos aqueles seis meses. E o trato era que nos seis meses seguintes que ele ficava no Brasil, meu pai não fazia nada!

♦

MANOEL EDUARDO – Ah!

♦

JOÃO MANUEL – Aí a minha mãe concordou... Primeiro ano foi assim. Segundo ano foi assim. Aí no final do segundo ano, ele chega para o meu pai, eu acho que é aquela coisa de afinidade eletiva, não é? Ele chega a meu pai e fala: “José, esse lugar não é para você. Você tem que ir para o Brasil. O Brasil é a terra do futuro, é lá que tudo vai acontecer. Você tem que ir para lá.” E reforçou: “Vou fazer o seguinte, olha, você vai para lá, você fica um ano trabalhando numa filial minha como empregado, você aprende o ofício e aí eu te estabeço”. Estabelecer era dar o primeiro estoque. Mas, não era dar o

estoque, era consignar. Então, nós ficamos em Arapongas esse ano e aí ele se estabeleceu em Rolândia. Foi essa a história. Então, veja você, uma mudança muito grande e uma perda muito grande também. Por que a perda? Eu não morava num lugar legal, mas eu estava num lugar legal, e vim para um lugar que era um lugar...

♦

MANOEL EDUARDO – Fim de mundo...

♦

JOÃO MANUEL – Pô, cara! Na hora que chovia, um lamaçal terrível... Cara, você mantinha as coisas na banha ou na salmoura. Fogão a lenha. Você tirava água de poço com sarilho, não era nem com motor, era sarilho. Você fazia o teu pão no quintal, tinha um fornhinho no quintal e fazia o teu pão no quintal. Era tudo assim! Você torrava o café e moía o café! E não podia ser diferente! Era assim, mesmo quem tinha dinheiro ali, era assim, não é? Quer dizer, uma mudança tremenda!

♦

Você quer ser bom médico? Então leia poesia.

♦

MANOEL EDUARDO – Entendo. E até quando você se sentiu no Brasil sem ser brasileiro?

♦

JOÃO MANUEL – Olha, eu só me senti estrangeiro no Brasil verdadeiramente... Estamos falando da consciência de uma criança, não é?

♦

MANOEL EDUARDO – Claro!

♦

JOÃO MANUEL – Com oito anos. Eu só me senti estrangeiro e senti o que era o preconceito por ser estrangeiro na escola.

♦

MANOEL EDUARDO – Lá em Rolândia?

♦

JOÃO MANUEL – Lá em Arapongas, segundo ano. Porque a professora Nair falava para mim: “Joãozinho, continua a leitura”. Eu continuava a leitura, e a classe toda morria de rir do sotaque. E aí eu parava e ela dizia: “Continua! Continua!”, e o pessoal ria! Mas veja, ela não fazia de sacanagem, tanto que eu era um dos preferidos dela. Porque eu tinha aula de manhã. À tarde ela me convocava, a mim e uma outra menina da sala, para ajudar a corrigir os trabalhos na casa dela. Ela devia ter algum afeto, se fosse por ser estrangeiro, se fosse por ser bom aluno, que apesar de estrangeiro, tirava nota boa. Mas o fato era esse, não é? Você quer saber segundo a visão de eu me sentir...

♦

MANOEL EDUARDO – Preconceito?

♦

JOÃO MANUEL – Preconceito, não. De eu sentir o preconceito? Não é o preconceito, é de eu sentir ser minoria... De eu sentir ser minoria. Em 1962, numa viagem de férias que a gente estava fazendo em dezembro, final de ano Marista de alunos de Londrina, São Paulo, Rio de Janeiro... Fui ao Maracanã com um colega meu.

♦

MANOEL EDUARDO – Você tinha quantos anos?

♦

JOÃO MANUEL – Em 1962, 12 anos. Final do campeonato carioca. Botafogo e Flamengo, e eu vascaíno, portanto, antiflamengo e torcedor do Botafogo no meio da torcida do Flamengo. O Garrincha

trucidou o Flamengo: 3X0, três gols de Garrincha. E eu tinha certeza de que a qualquer momento eles iam descobrir que eu era contra o Flamengo. E aí se eles levantavam, eu levantava, se eles berravam, eu berrava. Quer dizer, eu procurava imitar a maioria. O minoritário tentava ser igual à maioria. Veja que coisa terrível! Aí, tantos anos depois, eu estou lendo a biografia do Garrincha, do Ruy Castro... E o Ruy Castro diz nessa biografia que todos os especialistas são unânimes em dizer que o último grande jogo do Garrincha foi aquele Botafogo e Flamengo. E eu estava lá; o jogo foi histórico, e eu não sabia que o jogo era histórico! Eu não soube que o jogo era histórico... Porra! Quantos anos depois, cara!

♦

MANOEL EDUARDO – Décadas!

♦

Medicina de bolso: silêncios, confusões, alaridos, ações, soluções, esperanças e decepções. Ao final, lições.⁷

♦

JOÃO MANUEL – Você veja que coisa incrível o que é a vida, não é? Mas foi a segunda vez que eu me senti minoria, entendeu? Quer dizer, medo que alguma coisa, que te façam alguma coisa. E veja, na escola eu nunca fui agredido. Na escola, que eu digo, nesse segundo ano. Nunca houve *bullying* nenhum nesse segundo ano, não. Era aquela coisa da troça. Havia a troça, mas brincavam comigo. Na hora de brincar de salva, brincavam de salva comigo, e tal. Havia a troça. *Bullying* foi ocorrer muitos anos mais tarde.

♦

MANOEL EDUARDO – E esse seu gosto pela linguagem, pela palavra, pela literatura? Ele é identificado nesse período?

♦

⁷ Jaculatórias, p. 117

JOÃO MANUEL – Não, nesse período, não. Ou talvez tenha uma gênese aí por um motivo simples. Veja: eu tinha um vocabulário, e quando eu cheguei aqui algumas palavras eram diferentes das palavras que a gente usava lá. Então eram sinônimos, mas diferentes das que a gente usava lá. O fato de eu ter vindo para cá expandiu muito o meu vocabulário porque eu tive que aprender o vocabulário daqui. Se houve alguma influência, talvez a influência possa ter sido essa.



MANOEL EDUARDO – E talvez pelo fato também de sua primeira identidade no universo coletivo ter sido marcada pela diferença da linguagem, não é?



JOÃO MANUEL – É, embora isso não fosse uma coisa consciente em mim, entendeu? Não era uma coisa consciente, mas eu posso te dizer o seguinte: quando eu me formei, era primário, depois tinha o ginásio, depois o científico. Era assim na época. Então quatro anos de primário, aí você tinha que fazer um exame de admissão ao ginásio, quatro anos de ginásio, três anos de científico.



MANOEL EDUARDO – Nós estamos falando sobre linguagem, do seu gosto pela linguagem...



JOÃO MANUEL – Na hora eu fico pensando: poxa!, o gosto pela linguagem, ele veio de onde? Não sei te dizer da onde que ele veio. Por que é que eu não sei te dizer de onde que ele veio? Primeiro, os livros que tinha em casa eram os livros didáticos, eram os livros de escola. E isso sem perguntar: “Ah, você ficava lendo poesia do livro didático e tal?” Não! Não existiam livros em casa, não existia biblioteca na cidade. O Marista, onde eu estudava em Londrina, era o maior colégio da cidade e não tinha biblioteca! Eu fui iniciado no gibi com amigos, entendeu? Fui iniciado em Tarzan!

Se você tem impulso criador, não o desvirtue. Submeta-o à virtude do silêncio e da modéstia, e decante-o com zelo. Talvez algum dia alguém prove e goste. E serão poucos. Se forem muitos, você foi eleito pelo comitê celestial.⁸

MANOEL EDUARDO – Então, poderia identificar quando que foi perceptível o gosto, por exemplo, pela literatura ou poesia?

JOÃO MANUEL – Eu não sei te dizer... Não sei te dizer, mas eu sei te dizer que, por exemplo, então, quando eu terminei o ginásio, o orador da turma fui eu. Quando terminou o curso de medicina o orador da turma fui eu. E se você perguntar: “Por que é que você foi o orador da turma no ginásio ou na medicina?” Não sei. Escolhiam alguns, aí iam lá, diziam um texto, e a turma escolhia, entendeu?

MANOEL EDUARDO – Mas, você tem como identificar, por exemplo, o primeiro livro que o apaixonou?

JOÃO MANUEL – Não! Agora eu sei te dizer, por exemplo, de onde é que veio a minha paixão pelo conhecimento geral. Porque eu cheguei em Curitiba para fazer o terceiro científico e o cursinho, e eu era bronco. Eu era inocente...

MANOEL EDUARDO – Tinha entre 17, 18 anos?

JOÃO MANUEL – Dezessete! Era inocente! Absolutamente inocente, lá do interior! Não sabia nada! Não sabia nada de nada! Não tinha leitura, não tinha papo cabeça, meus amigos eram como eu,

⁸ Jactantes, p. 138

entendeu? Bem, aí eu chego aqui, faço o cursinho, terceiro científico, passo para medicina, entro na escola e tenho um choque. Tinha um monte de gente melhor do que eu. Porque veja, no ginásio, no científico, eu era dos primeiros. Eu não era sempre o primeiro, mas estava ali entre os primeiros, ganhava medalha, boletim bom e tal, não é? Aí eu cheguei aqui, pô! Tinha uns caras que eu falava: “O que é que é isso?” Eu não estou brincando. Tinha o Luís Carlos Gaziri, que faleceu em Londrina, professor de fisiologia lá na UEL, meu colega de turma. Já tinha lido Freud, falava de Freud com facilidade, entendeu? Leu Freud! Bem, aí eu entrei na *À la recherche du temps perdu*. Foi um negócio terrível para mim. Não, foi terrível! Foi a pior fase da minha vida.

♦

MANOEL EDUARDO – Você estava no primeiro ano?

♦

JOÃO MANUEL – Do primeiro a um pouco do terceiro ano. Por quê? Porque tem que correr, tem que ir atrás! Aí eu tomei uma decisão. Durante o dia, era medicina, então era hospital, biblioteca, e tal, medicina. Das 20h às 22h era Biblioteca Pública do Paraná; fechava às 22h. E aí na Biblioteca Pública do Paraná eu tinha sempre um livro que eu estava lendo e ia para a parte também dos periódicos, que tinha revista, jornal etc.

♦

MANOEL EDUARDO – Cultura geral.

♦

JOÃO MANUEL – Todos os dias, a não ser no dia em que a gente ia ao cinema. Mas de segunda a sexta, todos os dias eu estava na Biblioteca Pública e só saía às 22h. Só que esse negócio é muito neurotizante. Cara! Aí quando chego lá no começo do terceiro ano, eu chego a uma conclusão absolutamente, para mim, sábia. Cara, não adianta, você nunca vai ler os livros que esses caras leram! Esses caras já leram

muito mais do que você há muito tempo, e você não vai conseguir alcançá-los. Então a questão não é os 100 livros que eles leram. Quais serão os três ou quatro livros essenciais que eles leram? O que de mais importante eles fizeram? E aí eu comecei a ser seletivo. Acabou a minha angústia!

♦

MANOEL EDUARDO – Qualidade e não quantidade...

♦

JOÃO MANUEL – Então, aquilo que tinha sido terrível do primeiro até o começo do terceiro ano a partir dali serenou! Serenou! E aí eu passei a ter prazer. Aí eu passei a ter prazer na literatura, passei, inclusive, a ter mais prazer na medicina. Passei a ser, por exemplo, muito mais objetivo, muito mais crítico, passei a ser mais essencialista. Quer dizer, de tudo isso que importa. Tudo isso que importa... Onde é que está a gema? Onde é que está a gema? Já que a gema era tão importante para mim, não é? O meu passado... Onde é que está a gema? Porque na minha época, meu caro, era assim! Eram livros de inglês, francês ou espanhol; o espanhol dominava muito por causa da Argentina.

♦

MANOEL EDUARDO – Os livros técnicos?

♦

JOÃO MANUEL – Técnicos, dessa grossura (fazendo gesto para indicar o volume)... Você entrava neles e não sabia o que era importante ou não. Eu tenho hoje uma inveja enorme dos meus alunos, porque os livros deles são cheio de boxes, cores...

♦

MANOEL EDUARDO – Eles vão na tela do computador...

♦

JOÃO MANUEL — Tudo! Entendeu? E naquela época não era nada disso! Você entrava lá, mergulhava e ficava perdido.

♦

MANOEL EDUARDO — Fernando Pessoa foi encontrado por você nesta época?

♦

JOÃO MANUEL — Fernando Pessoa encontrei ali. Começo de Fernando Pessoa. Não só Fernando Pessoa. O começo dos poetas, digamos, eu encontrei ali. Quer dizer, claro, eu tinha a noção dos poetas do ginásio que eu tinha feito, do científico, do cursinho lá, que é básico e todo mundo passa por alto.

♦

MANOEL EDUARDO — Mas não tinha lhe tocado?

♦

JOÃO MANUEL — Não, não. Não tinha tocado. Teve uma pessoa que me tocou em poesia, num cursinho, no Barddal, foi o Dalla Costa. O Dalla Costa era um dos sócios do Barddal.

♦

MANOEL EDUARDO — Eu sei quem é.

♦

JOÃO MANUEL — E o Dalla Costa era professor de português. E ele, de vez em quando, falava umas poesias e fazia análise sintática das poesias e tal. E então foi um cara que me tocou para eu gostar de poesia. Para eu, digamos assim, prestar mais atenção em poesia. E há um fato inusitado: o Dalla Costa voltou a casar depois de muito tempo, já com idade, e um filho temporão dele foi meu aluno.

♦

MANOEL EDUARDO – Não me diga!

*Sou contra quem fala muito e ouve pouco
porque não sabe eleger palavras ou atos.*

*Sou contra opiniões múltiplas que nada acrescentam
ao caso e contra quem não tem opinião.⁹*

JOÃO MANUEL – E eu fui o orador de turma deles, eu fui o parainfo deles.

MANOEL EDUARDO – E o Dalla Costa estava vivo ainda?

JOÃO MANUEL – O Dalla Costa estava vivo e presente. E eu perguntei para o filho dele: “O teu pai tá aí?”. Ele assinalou que sim. Aí, quando eu fui fazer a minha oração, falei que era um momento muito especial para mim porque tinha uma pessoa que eu gostaria que, naquele momento, ficasse em pé porque eu queria lhe agradecer. E falei quem era. Ele ficou em pé e eu agradeci. Digamos assim, essa reação, nós, em medicina, chamamos de enzima, não é? Essa catalisação... Essa catalisação de você chamar atenção para a poesia, entendeu? A poesia é importante. Ela tem algo que não é... Ela é um inutensílio importante.

MANOEL EDUARDO – Exatamente!

JOÃO MANUEL – Então, foi uma alegria enorme para mim ter feito isso. Não sei para ele.

⁹ Jaculatórias, p. 161

MANOEL EDUARDO – Ah, deve ter sido!



JOÃO MANUEL – Foi uma coisa muito receptiva, porque os alunos bateram muitas palmas, e tal, mas foi uma coisa muito...



MANOEL EDUARDO – É... Mas no conjunto das especificidades do seu afazer médico, a poesia e a literatura estão muito presentes, e, vamos dizer assim, de alguma forma ela...



JOÃO MANUEL – Mas você sabe por que é que elas estão muito presentes? Há um motivo muito simples para isso. Nós vivemos de diagnóstico. Médico vive de diagnóstico. Sem um bom diagnóstico, você nunca vai fazer um bom tratamento. Sem diagnóstico você não faz nada pelo paciente. Então, você tem que diagnosticar. O diagnóstico é a prima-dona. É a prima-dona, não é?

Bem, para você diagnosticar, você faz um raciocínio muito complexo com sinais e sintomas, onde você valoriza umas coisas, não valoriza outras, dá mais peso a umas do que a outras e tal, até chegar à concretude, à prova de que é aquilo. Acontece que na poesia, poesia que é ritmo, significado, música, ela é fundamentalmente decodificação. Então, é um processo contrário, mas enquanto eu tenho que aqui formular, porque eu tenho que juntar as coisas e formular ali, eu tenho que desmanchar para chegar a uma conclusão. Eu tenho que desmanchar a poesia.



MANOEL EDUARDO – Vamos dizer: os pressupostos metodológicos são semelhantes.



JOÃO MANUEL – São no seguinte sentido, por exemplo, eu posso adorar fazer diagnóstico, como eu posso adorar poesia. Eu posso

adorar as duas coisas. Agora, eu brinco, às vezes, com os meus alunos...

♦

MANOEL EDUARDO – Você está dizendo mais, é que ambas estão no mesmo eixo?

♦

JOÃO MANUEL – No mesmo eixo, embora coisas completamente diferentes!

♦

MANOEL EDUARDO – Isso tudo tem significado...

♦

JOÃO MANUEL – Embora a poesia não tenha nenhuma utilidade, ela não pode ser usada pelos ditadores, não é? Você pode gostar de poesia simplesmente para ouvir poesia. Há a musicalidade da poesia sem entender. Mas é claro que a riqueza fica muito maior se você, além disso, a entender, não é? Mas fazer um diagnóstico, formular as hipóteses, chegar a uma conclusão e você decodificar uma poesia é um processo muito semelhante, entendeu? Em que você faz um exercício mental muito interessante.

♦

MANOEL EDUARDO – E que pega na questão da gema do ovo do essencialismo a que você se refere.

♦

JOÃO MANUEL – Claro! A partir daí, talvez sim, a linguagem passe a ter mais valor para mim. Na medida em que a poesia passou a ter mais valor, a linguagem passou a ter mais valor, embora mesmo antes de gostar de poesia – e vamos lá para o ginásio – eu só tirava 10 nas dissertações. Não entendia nada de poesia, mas já existia o embrião da poesia. Por quê? Porque eu fazia as dissertações, e de vez em quando eu colocava coisas da música popular que eu ouvia no rádio. Era só

rádio que existia na época. Então, certas músicas, isso fica bem aqui, pensava, e eu colocava. Eu me lembro que no quarto ano do ginásio tinha um irmão marista, professor de português, que me adorava e falava das minhas dissertações.

♦

MANOEL EDUARDO – Não me diga!

♦

JOÃO MANUEL – E eu tenho certeza de que era por causa das frases musicais que eu colocava sem ele saber! Quer dizer, eu o ludibriava! Eu o ludibriava, pô! Entendeu? É uma sacanagem, porque não era autêntico, não era meu, entendeu? O que era meu era banal. Mas, se aparecesse ali, de repente, um ‘tu pisavas as estrelas... tu pisavas os astros distraída’, pô! Ele não conhecia a música!

♦

MANOEL EDUARDO – A próxima pergunta eu intitulei “Amizades”:

*Ah, meu maior amigo, nunca mais
Na paisagem sepulta desta vida
Encontrarei uma alma tão querida
Às coisas que em meu ser são as reais*

[...]

*Porque há em nós, por mais que consigamos
Ser nós mesmos a sós sem nostalgia,
Um desejo de termos companhia –
O amigo como esse que a falar amamos. ⁱⁱⁱ*

Você tem muitos e bons amigos pelo desejo de ter companhia? Para você, ter amigo é uma disposição para a revolução ou, ao contrário, é porto que nos mantém e nos assegura dos riscos de tempestade? O que torna “uma alma querida”? Você tem ou teve amigos que teriam direito à descrição feita por Pessoa? Sem dizer nomes, o que dizer deles e, se desejar, que dizer a eles? “O amigo que esse que a falar amamos”?

JOÃO MANUEL – Olha... Comigo aconteceu o seguinte: como eu sempre fui um solitário, porque eu era filho único e a minha irmã só foi nascer depois que eu já tinha saído de casa, fui sempre solitário. Sozinho. Tinha colegas, não tinha amigos. Tinha amigos lá, em Rolândia, de clube onde jogávamos futebol e tal; mas amigo real lá, recorde de um.

♦

MANOEL EDUARDO – Nome?

♦

JOÃO MANUEL – Orestes. Era um funcionário subalterno da Telefônica, que era lá dos secos e molhados do meu pai. Então talvez por essa proximidade ele foi, digamos, o meu grande amigo lá no interior. E tinha colegas. Eu tinha uma professora do primário que o filho dela estudava na minha classe e ele era meu colega, o Luiz. Depois foi ser engenheiro. Ele era colega. Não dava para dizer amigo, não é? Amigo que eu digo é assim: com quem você confidencia. Essa é a questão. Há uma maneira fácil de você confidenciar, e qual era a maneira, como é que se educava sexualmente na época? Era nos catecismos do... Me falta o nome dele agora. Daqui há pouco eu me lembro o nome do catecismo, de quem era. Era um cara que tinha um traço até não muito bom de desenho...

♦

MANOEL EDUARDO – Era tipo um gibizinho, não é?

♦

JOÃO MANUEL – Isso, era tipo um gibizinho que mostrava todas as sacanagens da vida. Essa era a nossa iniciação sexual, não é? E com quem você trocava... Carlos Zéfiro! O grande Carlos Zéfiro. Ele me ensinou muitas coisas! Antes de eu ir para a prática, me ensinou muitas coisas que eu não sabia que existiam. Então você trocar uma coisa dessas com alguém, entendeu? Pô, não vai te denunciar... Aí, claro, aqui em Curitiba num grupo... Para você ter uma ideia, na minha

escola, o lugar onde... O refeitório do diretório acadêmico, todo mundo comia ali e tinha um pátio, e era frequentado por todos os anos, do primeiro ao sexto ano. Então, a chance que você tinha de fazer amigos era maior...

♦

MANOEL EDUARDO – Você ficou na CEU, ou não?

♦

JOÃO MANUEL – Não, eu fiquei numa república. Fiz uma república.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas esse refeitório era na PUC?

♦

JOÃO MANUEL – É lá na Praça Rui Barbosa, do lado do Colégio São José. E como eu jogava futebol... Jogava futebol de salão, futebol de campo, jogava tênis de mesa, jogava pebolim... Tênis não, nós não jogávamos na escola. Mas, eu era da seleção de futebol de salão e de futebol de campo e de pebolim. Então, eu tinha trânsito já no primeiro ano com sextanista. Um trânsito horizontal, porque o futebol te permite isso, entendeu? Principalmente se você tem alguma propriedade ali, os caras... Pô! Te protegem e gostam de você, não é, e isso e aquilo. Então eu vim a fazer mais amigos aqui, mas amigos, veja bem, de escola. Amigos de escola. Eu sempre tive um trânsito grande com muita gente, mas eu sempre tive poucos amigos, e o que é mais interessante é o seguinte: os amigos que eu tive, os mesmos...

♦

MANOEL EDUARDO – Os amigos sempre são poucos...

♦

JOÃO MANUEL – Sempre são poucos, e devem ser poucos. Mas, o mais interessante é o seguinte: que os amigos que eu tive, foram eles que se tornaram meus amigos.

MANOEL EDUARDO – O que é que significa?

♦

JOÃO MANUEL – Eles que quiseram ser meus amigos. Eu não fiz força para ser amigo deles.

♦

MANOEL EDUARDO – E nem optou por eles, não é?

♦

JOÃO MANUEL – Não, sem forçar, entendeu? “Cara, vamos no cinema hoje?”; “Cara...!”. Não! Eles que... E é muito interessante, porque os amigos que eu tenho até hoje são amigos que, ao longo do tempo, foram se tornando meus amigos. Mas no fundo, no fundo, eu continuo a mesma alma solitária que foi o Fernando Pessoa, que foi um que também teve muito poucos amigos, se é que teve algum. Se é que teve algum, porque o grande amigo do Fernando Pessoa foi o álcool. Esse foi o grande amigo dele. E claro que, na medida em que você se desenvolve... Você vive a vida acadêmica e sabe como é que é. A vida acadêmica é uma fogueira de vaidades. E eu nunca quis participar de fogueira de vaidades; então, eu sempre fui muito na minha. Eu dou aula, dou aula como eu quero, faço o curso como eu quero, da maneira como eu quero e ninguém me encha o saco. Como eu não queria o cargo de ninguém, me deixaram em paz o tempo todo durante esses mais de 40 anos, entendeu? Quer dizer, como eu não quis ser coordenador de curso, eu não quis ser diretor do centro, entendeu?

♦

MANOEL EDUARDO – Agora, o fato de ter sido conquistado e não ter sido conquistador, e o fato de ter uma ampla acessibilidade ao coração de muita gente deve-se a algumas características?

♦

JOÃO MANUEL – Há uma fundamental!

MANOEL EDUARDO — É essa que eu gostaria de saber.



JOÃO MANUEL — Ouvir. E tem uma segunda característica. Consi- go conversar sobre qualquer coisa, sobre qualquer assunto, com qualquer pessoa. Mas, fundamentalmente, me interesso pelo o que a pessoa faz, e é muito comum que eu comece uma consulta procurando indiretamente saber como é que a pessoa faz, o que é que ela faz? E isso abre muito caminho. Então, saber ouvir, não é ouvir, é saber ouvir.



MANOEL EDUARDO — O que qualifica o seu ouvir?



JOÃO MANUEL — Primeiro, há uma curiosidade que é genuína. E isso é verdadeiro. Mas, há uma outra coisa fundamental: nunca falar bobagem. A minha vida, desde que eu me lembro, no curso de medicina, e esse treinamento foi no curso de medicina, foi por nunca falar uma bobagem. Quando eu digo “não falar bobagem” é que eu não vou falar nada em que eu não acredite. Por exemplo, claro, eu falo bobagem na hora em que a gente está brincando.



MANOEL EDUARDO — Jogo de futebol, poesia...



JOÃO MANUEL — Estamos brincando! Estamos na gozação, tudo bem. Agora, a sério você não me ouve falar bobagem, porque tudo que eu falo eu quis falar. Claro que não é sempre pensado, porque a linguagem vem antes do pensar, mas de alguma maneira é aquilo. Treinamento. E quando eu digo treinamento, eu digo interlocução. Treinamento é interlocução, não é? E estudo. Interlocução e estudo. E uma terceira coisa que é muito importante, não só para isso, mas para tudo, que é você buscar ter um agudo senso. Aí pode ser que

entre um pouco de cabotismo no meio, um agudo senso de observação, que é uma coisa que pouca gente tem, porque veja, olhar todos olham, ver poucos veem, observar são raros, porque o observar é o ver treinado. Então, isso poucos têm, e você, como médico, tem que ser muito observador, porque às vezes é aquele detalhe que passou despercebido que é o essencial. Então eu acho que o senso de observação é primordial. Uma acuidade que eu gosto de ter do futebol à medicina! Por exemplo: eu me irrito profundamente vendo certas partidas de futebol, com as bobagens que os locutores falam. Que não tem nada a ver, entendeu? E eu fico pensando como é que um cara que vive disso, que só faz isso, consegue ser tão primário? E como é que eu, que não vivo disso, apenas gosto disso, conseguiria ter uma propriedade muito mais orgânica, coesa, se estivesse falando sobre aquilo? Sabe, os caras são obrigados a fazer a leitura do jogo o tempo inteiro, e essa é a profissão deles, entendeu? E eu faço eventualmente! Então, eu não posso admitir que um cara que faz isso duas, três vezes por semana profissionalmente e *in loco*, e de repente eu pudesse fazer coisas que ele não consegue fazer. Aliás, foi isso que fez com que o Tostãozinho, o nosso Tostão, deixasse a imprensa falada, porque ele se achava inadequado. Precisa de tempo, mesmo para escrever; ele precisa de tempo. Tempo. E ele falava: “Pô! Eu tô enganando! Tô enganando!”.

♦

MANOEL EDUARDO — Agora, muito evidente como isso tudo convertido em você e na tua história, na sua prática quotidiana profissional.

♦

JOÃO MANUEL — Ah, acaba desembocando... Digamos assim, é um delta que acaba desembocando no mar.

♦

MANOEL EDUARDO — Exatamente. A próxima pergunta é: “Vida vivida e pensada”:

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.^{iv}*

Conte um pouco sobre sua vida vivida e sua vida pensada. Elas estão divididas entre verdadeira e errada? Ou, como quer Pessoa, verdadeira ou errada é só a vida pensada? Como avalia essas vidas? Houve, entre elas, momentos de encontro? Poderia revelar os mais importantes, onde vida pensada e vida vivida se encontraram? Primeiro há, assim, claramente uma vida vivida e uma vida pensada na sua leitura de sua própria vida?

♦

JOÃO MANUEL — Há em momentos. Há em momentos, claro, a maior parte das coisas que eu faço, eu faço depois que refleti.

♦

MANOEL EDUARDO — Então é pensada...

*Os fundamentos da boa educação são atenciosidade
e bondade. Por que não exercê-los na Medicina?
Consolidariam definitivamente a imagem médica.¹⁰*

JOÃO MANUEL — Vida pensada. Mas, há coisas que eu faço, que eu não reflito, e nem devo refletir. Eu não vou refletir no amor. Não existe isso, entendeu? Quer dizer, não é uma vida pensada, ela é vivida!

♦

¹⁰ Jaculatórias, p. 81

MANOEL EDUARDO – Essa é a vida vivida...

♦

JOÃO MANUEL – Ela é vivida! O amor é a vida vivida! Mas então, as duas, tanto a pensada, quanto a vivida. Agora, se você perguntar qual a que predomina, claro que é a pensada.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas, eu queria saber mais da sua vida vivida.

♦

JOÃO MANUEL – Eu acho que eu vivi pouco. Se eu for pensar no que o Shakespeare fez com a idade dele, pô! Eu vivi muito pouco! Cara, a hora que eu vejo o que o Humboldt escreveu de poesia com a idade, até ir para a África... Pô! Eu vivi muito pouco!

♦

MANOEL EDUARDO – Mas, eu estou falando as bobagens...

♦

JOÃO MANUEL – Mas por outro lado, também, eu tenho certeza absoluta de que o Shakespeare e o Humboldt fizeram muito mais besteiras do que eu, entendeu?

♦

MANOEL EDUARDO – Talvez por isso até tenham escrito mais.

♦

JOÃO MANUEL – Claro! Então não é uma coisa quantificável...

♦

MANOEL EDUARDO – Não, não é. Mas, quanto há de brincadeira na tua vida?

♦

JOÃO MANUEL – Olha, há uma coisa muito interessante que, para mim, por exemplo, poesia é brincadeira. Está no território do prazer. Do imponderável... Tipicamente, entendeu? Então quer dizer, eu sou um cara um pouco diferente da maioria das pessoas, porque tem coisas que, para mim, elas são vividas, e que para os outros elas não são vividas, entendeu?

♦

MANOEL EDUARDO – Nós conseguimos identificar no território do vivido a estética?

♦

JOÃO MANUEL – O prazer! A estética e o prazer são coisas importantes. A explosão dos sentidos, o desenvolvimento dos sentidos.

♦

MANOEL EDUARDO – E você entende que essa vida vivida atrapalhou, em algum momento, a sua vida pensada?

♦

JOÃO MANUEL – Felizmente não. A minha vida pensada é que atrapalhou a minha vida vivida naquele período, lá, do primeiro até o começo do terceiro ano. Porque, de repente, eu ia ao cinema e estava vendo um filme... Mas eu devia estar fazendo outra coisa! “Não, mas o cara deve estar estudando, o cara deve estar não sei o quê”, entendeu? E de repente você não estava ali.

♦

MANOEL EDUARDO – E fora esse período, você acha que não?

♦

JOÃO MANUEL – Não! E de maneira genuína, te garanto isso.

♦

MANOEL EDUARDO – Você não sente déficits?

JOÃO MANUEL – Não!

♦

MANOEL EDUARDO – Eu estou me lembrando daquela poesia que se atribui ao Jorge Luis Borges: “Seria menos higiênico, menos sensato...” Você não diria o mesmo?

♦

JOÃO MANUEL – Não, não diria o mesmo, por um motivo muito simples. Eu fiz o que eu podia fazer. Claro que se eu fosse fazer hoje, eu faria diferente. Muitas coisas eu faria diferente, claro. Cada experiência. Mas se eu for contar, assim, o desenvolvimento da experiência com a vida vivida, foi o que tinha que ser. Foi o que tinha que ser.

♦

MANOEL EDUARDO – Não há déficits?

♦

JOÃO MANUEL – Olha, rigorosamente, não sinto nenhum déficit nem em relação ao comitê celestial.

♦

MANOEL EDUARDO – O supremo... Ótimo! Isso tem a ver um pouco com a próxima pergunta, que eu intitulei: “O homem que sou”. Há uma passagem do Fernando Pessoa em que ele diz o seguinte:

*“É necessário agora que eu diga que espécie de homem sou.
Meu nome, não importa, nem qualquer outro pormenor
exterior meu próprio. Devo falar do meu caráter.
A constituição inteira de meu espírito
é de hesitação e de dúvida.”^v*

Se você fosse o autor de uma declaração desse gênero, como descreveria seu caráter? Como se definiria como cidadão, como esposo, pai? Já que nosso poeta fala em hesitação e dúvida, como você reage

diante da incerteza e da insegurança? Qual a importância que você atribui aos pormenores a que se refere Pessoa na constituição do João homem?

♦

JOÃO MANUEL – Aí é uma coisa que o Pessoa não falou, mas que eu acho que é essencial a gente dividir, que o que é temperamento e o que é caráter. O temperamento é genético. Eu sou o que sou; uma parte por causa da minha genética. Então, nesse sentido, eu acho que fui um sujeito que levou sorte. Levou sorte em que sentido? Eu não sou angustiado, eu não sou deprimido...

♦

MANOEL EDUARDO – Não é ansioso?

♦

JOÃO MANUEL – Não! Eu não crio problemas para mim. Os outros já criaram muitos problemas para mim, mas eu não crio problemas para mim, e não crio problemas para os outros. Pode ser que os outros tenham achado que eu tenha criado problema para eles, mas não criei problema para ninguém.

♦

MANOEL EDUARDO – Então não há dolo?

♦

JOÃO MANUEL – Dolo nunca. Se foi, foi inconsciente. Então, temperamento meu, eu levei uma baita sorte, porque temperamento, como ele é genético, não depende de você. Então essa é uma questão. A outra questão é o caráter, que depende muito de família, de sociedade, de esforço pessoal, daquilo que você quer ser dentro do que pode ser, porque você só pode ser dentro do teu temperamento, que é genético.

♦

MANOEL EDUARDO – Temperamento é um condicionante aí?

♦

JOÃO MANUEL – É um condicionante. É como um vasilhame que você vai preencher com alguma coisa, mas tem que ter aquele formato daquele vasilhame. Aí fica um pouco difícil você às vezes separar o temperamento do caráter, por que o que é que começou primeiro ali?

♦

Toda objetividade cria subjetividade.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas, você falou sobre o temperamento e sobre o caráter, mas, eu queria que você falasse um pouco do seu temperamento e do seu caráter.

♦

JOÃO MANUEL – Há um livro, “O homem tranquilo”, não é? Eu diria para você que eu sou um homem tranquilo. E a prova maior disso é que nesse sofrimento grande, do somatório desse sofrimento grande desses últimos quatro anos, eu não mudei nada. Se eu não fosse um homem tranquilo, certamente haveria uma convulsão muito grande.

♦

MANOEL EDUARDO – Seria possível dizer que somando essa tranquilidade com esse ser solitário, esse João solitário, isso te confere um certo distanciamento ótico dos fatos da vida?

♦

JOÃO MANUEL – Talvez sim, talvez sim... E na maior parte das vezes...

♦

MANOEL EDUARDO — Como observador e não como participante?

♦

JOÃO MANUEL — Claro, claro. Na maior parte das vezes isso é verdadeiro, e eu acho ótimo isso. Acho que às vezes precisaria ter sido mais participativo, estar mais na linha de fogo; talvez tivesse sido mais útil. Mas o problema é que num determinado momento você faz a escolha. E a escolha que te parece melhor é aquela. Sempre fui, à exceção desses últimos anos, extremamente participativo em tudo que faço, quer dizer, como professor, na medicina, nas coisas extras que eu sempre fiz, porque embora o meu dia a dia seja a vida acadêmica e consultório, eu sempre fiz muita coisa extra por gosto, por prazer. Não estou dizendo que eu fiz bem-feito, eu estou dizendo que eu fiz. Então eu tenho consciência, por exemplo, que eu podia ter tido e ido bem em várias profissões.

É claro que se eu tivesse optado por outras profissões, elas também iriam exigir outras coisas, porque o problema na hora que você faz a opção, você passa a ter que seguir, por exemplo, a ética daquela profissão, os códigos daquela profissão, entendeu?

♦

MANOEL EDUARDO — A pergunta fala também sobre o João pai e o João cidadão. Como é que você se coloca? O João esposo, o João pai e o João cidadão?

♦

JOÃO MANUEL — Isso eu teria dificuldade de definir para você, porque eu teria muito medo de mentir.

♦

MANOEL EDUARDO — Mas, qual a tua sensação?

♦

JOÃO MANUEL — A minha sensação é que eu deveria ter sido mais participativo com os filhos e a minha desculpa sempre foi essa

intensidade profissional, e tal, e que por ter uma mulher que, sendo médica, conseguia dar conta das coisas, não é? Mas eu devia ter sido um pouco mais participativo em que sentido? Não no sentido, por exemplo, na formação de um caráter, de uma coisa... Não! Nada disso. No sentido da brincadeira. No sentido do lúdico. Eu deveria ter sido um melhor pai no sentido lúdico, entendeu? Eu não busquei. Veja...

♦

MANOEL EDUARDO – Mas nesse lúdico tem o afeto ou não?

♦

JOÃO MANUEL – Não, não... O afeto sempre existiu.

♦

MANOEL EDUARDO – Você acha que houve pouca demonstração de afeto?

♦

JOÃO MANUEL – Eu acho que aí tem o seguinte, é que depende do filho. É que tem filho que é afetivo por natureza, e que aí você é mais afetivo com ele. Tem filho que é mais reservado, e aí você tem que respeitar a reserva dele. Eu, por exemplo, tenho dois filhos homens. Um me agarra, me aperta e tal, não sei o quê. E o outro... Entendeu? É temperamento! Temperamento do cara é assim, entendeu? Chega, dá um beijinho, aquele beijo que mal chega perto, entendeu? O outro beija... Entendeu a diferença? Claro que com esse que é mais afetivo é natural que você se torne mais afetivo do que com o outro que é mais distante, até para respeitar um pouco essa distância.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas, tem uma coisa na sua fala, de responsividade...

♦

JOÃO MANUEL – Mas, eu vou te dar um outro exemplo, que é muito

claro, e que aí também tem a ver um pouco com o momento que a gente vive em cada fase da nossa vida. Por exemplo, as minhas filhas... Sentar no meu colo, a gente se abraçar, beijar e tal. Hoje se elas fizessem isso comigo... Agora eu não sei se eu faria.

♦

MANOEL EDUARDO – Por quê?

♦

JOÃO MANUEL – Por causa da mutação dos tempos. Cara! Hoje tudo é mal entendido!

♦

MANOEL EDUARDO – Mas João Manuel, deixa eu voltar àquela questão para lhe dizer o seguinte: em relação aos seus filhos, em relação aos seus amigos e mesmo em relação à vida com um todo, há esse cuidado no seu agir de ser mais responsivo do que propositivo. Então, por exemplo, são dois filhos diferentes, aquele que reclama mais afeto, você o dá mais, o que reclama menos demonstração, porque o afeto é o mesmo, mas os amigos mais respondem ao reclame do amigo do que propriamente você é um conquistador, e tal. Então há uma certa...

♦

JOÃO MANUEL – Seletividade.

♦

MANOEL EDUARDO – Uma certa postura responsiva.

♦

JOÃO MANUEL – Claro, mas eu acho que é necessário.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas, a pergunta que eu queria lhe fazer é a seguinte: o que é que há do ponto de vista do João cidadão, do João pai e do João esposo, onde o João se coloca a despeito da resposta, da demanda?

JOÃO MANUEL – Não. Eu acho que eu tenho que me colocar sempre em função da demanda. Sempre em função da demanda. Vou te dar um exemplo. Esse meu filho que é muito afetivo, uma vez pegaram ele com dois amigos fumando maconha [...] Eu chego para ele, e me lembro até hoje o que eu falei para ele: “Cara...”, e usei essa expressão, uso muito essa expressão. “Cara... Cara, tô muito decepcionado com você. Eu não esperava isso nunca de você. Então só quero que você saiba de uma coisa, que eu fiquei muito decepcionado com você. É isso que eu tenho pra dizer pra você. E só”. Porque eu achei que naquele momento eu tinha que tomar uma atitude, uma atitude energética, mas era uma atitude que tinha que ser com poucas palavras e que mostrasse o meu sentimento.

♦

MANOEL EDUARDO – Agora, movimentos como esse são raros?

♦

JOÃO MANUEL – Eu diria que eu acho que... Eu acho que você deve utilizar isso. Com parcimônia. Por um motivo muito simples: para manter o respeito, a credibilidade... Se você joga palavra fora, você deixa de ser o que é. Quer dizer, eu prefiro que o meu filho diga “eu tive o exemplo do meu pai”, do que ele diga: “Putá, eu fui amiguinho do meu pai”.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas, há uma certa contradição na sua expressão, não é? Se jogar palavras fora você deixa de ser o que é?

♦

JOÃO MANUEL – Não, é que se você jogar palavras fora, quando eu digo jogar palavras fora é você dizer o que não deve. O que não deve. Eu acho que você tem que ter uma coerência de comportamento com o filho. Por exemplo, se a mãe está brigando com o filho, eu não me intrometo. Se eu noto que a coisa ficou um pouco pior, eu digo: “Cara, menos, cara! Menos!”. Com cara brava, e isso é o suficiente.

Não vou bater boca. Não vou bater boca! E esperaria nunca ter que tomar nenhuma decisão mais limítrofe, entendeu?



MANOEL EDUARDO – Entendi. “Segredos” é a próxima pergunta.

*Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!^{vi}*

Você é um homem de alma grande. E como todos que têm uma grande alma, não fica inteiramente só. Na nossa conversa, isso se mostrou um pouco falso... Há algo que foi calado em você que, por sentir muito, não foi possível dizer? Há algum sentimento omitido, que por já não sentir tanto, poderia agora revelar? Ou prefere a saída de Pessoa:

*Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...^{vii}*

Estamos falando de segredos...



JOÃO MANUEL – Eu acho que há algumas coisas que talvez tenha sido inadequado com algumas namoradinhas. Algumas coisas que eu devia ter dito e não falei. Por que é que eu não falei? Aí por uma questão de temperamento, não é? Eu devia ser mais lançado, mais ativo em algumas coisas. Mas pô! Eu tenho a idade juvenil a meu favor aí.



MANOEL EDUARDO – Claro!

JOÃO MANUEL – Agora, não existem segredos.

♦

MANOEL EDUARDO – Agora?

♦

JOÃO MANUEL – Não, não existe. Nunca existiram segredos. Não existem segredos... O que existe é o mistério. Segredo só existe para uma coisa: para serem revelados. Mistério é que existe para mexer com as pessoas, para desafiar, e você não encontrar e continuar te desafiando. Agora, segredo, não existe. Quem matou quem, você sabe quem foi. Senão, alguém já tinha dado com a língua nos dentes. Não tem como. Não tem como. As pessoas não aguentam ficar com segredo!

♦

MANOEL EDUARDO – Você, inclusive!

♦

JOÃO MANUEL – A Torá diz assim: [...] eu sou um homem do segredo, porque a profissão me obrigou a ser um homem do segredo. Nem a minha mulher sabe as coisas que acontecem no meu consultório... Nem a minha mulher sabe, que é médica e com quem convivo esses 40 anos, 40 e poucos anos.

♦

MANOEL EDUARDO – Mas, isso são segredos dos outros, não é? E segredos seus?

♦

JOÃO MANUEL – Os meus... Claro que sempre vão existir, porque você tem uma *persona* pública e você tem uma *persona* privada, evidente! Quer dizer, a maneira como você vai ao banheiro você não quer que os outros saibam! Essa é a questão! Se quer, mantenha a porta do banheiro fechada, pô!

MANOEL EDUARDO — Mas, isso também são segredos pertinentes à revelação dos outros?

♦

JOÃO MANUEL — É no sentido que você tenta passar a melhor imagem possível para os outros, não é? Agora há segredos que na verdade não são segredos, digamos. Eu tive hepatite A. Você não sabia que eu tive hepatite A no passado!

♦

MANOEL EDUARDO — Isso não é segredo!

♦

JOÃO MANUEL — Mas, para você, neste momento, era um segredo, até eu revelar neste momento.

♦

MANOEL EDUARDO — O que eu queria saber é o seguinte: há segredos que propositalmente não são revelados, e eles têm uma tal importância que são constitutivos na sua personalidade?

♦

JOÃO MANUEL — Isso não. Que sejam constitutivos, não.

♦

MANOEL EDUARDO — E há algo que foi calado em você que por sentir muito não foi possível dizer?

♦

JOÃO MANUEL — Ah, claro que há! Por exemplo... Vou revelar uma coisa para você que seria tipicamente um segredo. Eu namorava uma menina lá no interior. Passei em medicina, vim para Curitiba, ela ficou lá. Chega com meio ano, um ano de namoro, que aí era por carta, namoro por carta... Quer dizer, não há amor que resista a distância, não há amor que resista a distância, essa é a verdade. Aí pô, eu

chego lá nas férias e ela me pede ajuda para fazer um teste de gravidez. Quer dizer, ela tinha transado com outro! Deu negativo, felizmente. Acabei o namoro...

♦

MANOEL EDUARDO – A relação também negativa?

♦

JOÃO MANUEL – A relação também negativa. Mas é uma coisa que, pô! Eu estou te contando isso hoje, mas dói, dói por um motivo simples...

♦

MANOEL EDUARDO – Dor da traição?

♦

JOÃO MANUEL – Essa é a questão, entendeu? Quer dizer, é muito mais fácil chegar e falar, digamos, se houve o fim de um ciclo afetivo, ó, acabou, e tal, ou isso, ou aquilo, não é? Embora eu saiba muito bem que a traição é a regra no sentido sexual. A traição é a regra em todas as sociedades. Mas dói, entendeu? E aí não há muita simetria, porque se eu transasse com alguém aqui nesse mesmo período, e nesse período eu não transei com ninguém aqui, mas se eu tivesse transado, eu não sei se eu contaria, e aí seria também igualmente nefasto, entendeu?

♦

MANOEL EDUARDO – Claro, claro...

♦

JOÃO MANUEL – Veja como é que você olhando do outro lado as coisas se modificam muito, não é?

♦

MANOEL EDUARDO – O Lacan, por exemplo, fala que o desejo é o lugar da falta, e esta falta é, em regra, sempre omitida, inclusive do ponto de vista do inconsciente. Na verdade, eu não quero saber o segredo. O que eu gostaria de saber é o seguinte: é identificável algo que por ser forte não é revelado, mas por ser forte, também de alguma forma, ele é constitutivo ou ele é, digamos assim, de alguma forma determinante na sua condição?

♦

JOÃO MANUEL – Não. Porque você está tentando identificar uma coisa que tem uma força essencial, não é? Eu diria que não. Deixando claro aqui o seguinte: eu sou antilacaniano.

♦

MANOEL EDUARDO – Interessante! Porque ele é o psicanalista da linguagem, não é?

♦

JOÃO MANUEL – Começando... Não! Ele deturpou a linguagem! Porque distanciou significado e significante. O significante pode ter vários significados, como vários significados podem ter, como um significado pode ter vários significantes. Manga curta, manga saborosa. O significante é manga. O significado é diferente. Ok! Uma coisa é significante, outra é significado. Muito bem. O que é que é o significante? É a forma. O que é o significado? É o conceito. Eu sou o conceito. O Lacan fazia prevalecer o significante, e não o significado, não o conceito. A forma.

♦

MANOEL EDUARDO – E o tempo ilógico?

♦

JOÃO MANUEL – Como que acabou com sete minutos? E por que é que o outro acabava com 15, outro acabava com três? “Ah, isso é o significante”. “Que significante?”; “Não, ele vai saber o que é que é”. Ele vai saber o que é que é? Pô! Ele está lá para saber o que é! Ele quer uma abertura para saber o que é! Ele não vai descobrir sozinho! Ele nem quer descobrir sozinho! Ele quer que lhe deem uma abertura para ele descobrir o que é. Então posta a minha condição antilacanianiana, o resto é falácia.

♦

MANOEL EDUARDO – Que horas são? Podemos ir?

♦

JOÃO MANUEL – Meia-noite e 20, cara!

♦

MANOEL EDUARDO – Deixamos para quarta?

♦

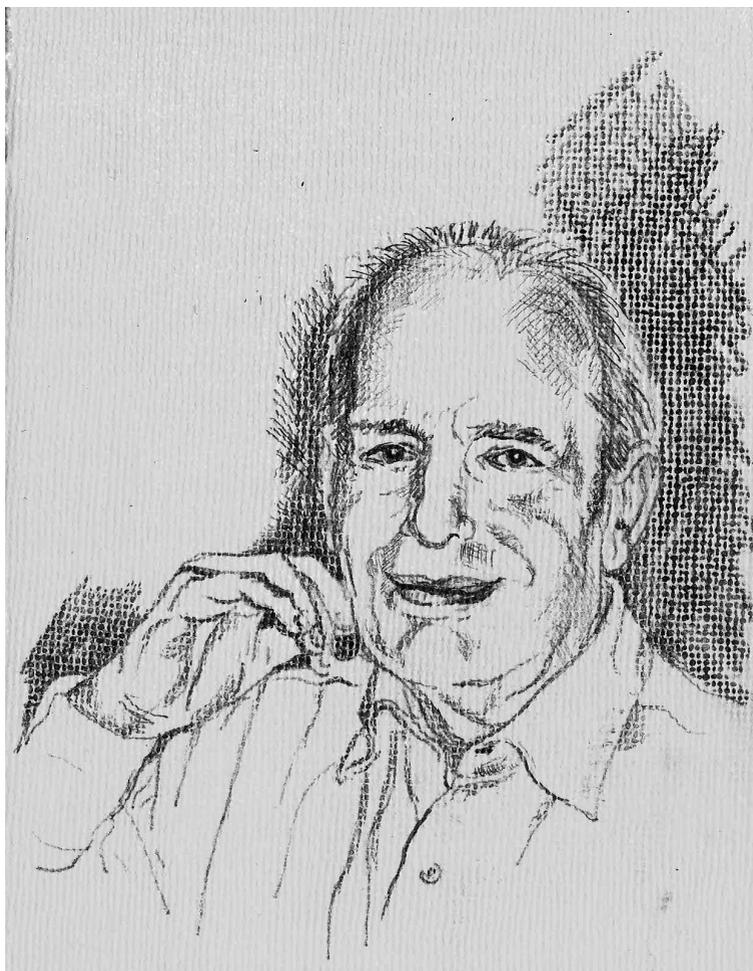
JOÃO MANUEL – Deixamos.



PARTE II



O MESTRE E O
DESCORTINO DA ALMA





MANOEL EDUARDO – A próxima pergunta denominei de “Minhas almas”:

*Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo. ^{viii}*

De fato, nem sempre do vinho chegamos à uva. Você supõe uma diferença entre o João dos gestos e das palavras, do João como ele é por dentro? Teria algo da alma do João que o olhar dos outros não alcança e que, por não alcançar, não se alcança o próprio João?



JOÃO MANUEL – O João, normalmente, é muito reservado. Constitutivamente reservado. Então, a imagem que fazem dele é uma imagem que frequentemente é falsa, porque construída em cima de algo que não existe. Não que ele se esconda. Não! Quer dizer, ele está dando aula, ele está atendendo pacientes, ele está escrevendo, ele está se revelando, a todo momento ele está se revelando. Mas está sendo revelada uma parte da alma dele.

MANOEL EDUARDO — Está sendo revelado algo de um homem reservado.

♦

JOÃO MANUEL — É. E que quer falar a sério. Diferente do dia a dia, que a gente fala, às vezes, palavras vãs de circunstância. Ele quer sair das palavras vãs de circunstância e falar a sério nesses momentos. Essa é uma característica dele.

♦

MANOEL EDUARDO — Ok. Você não me respondeu a pergunta. O que eu estou perguntando é a diferença entre o João do olhar dos outros e o João do olhar de dentro. Qual é essa diferença?

♦

JOÃO MANUEL — É difícil responder, é muito difícil.

♦

MANOEL EDUARDO — Tem algo da alma do João que o olhar dos outros não alcança e que, por não alcançar, não conhece o próprio João?

♦

JOÃO MANUEL — Você sabe que eu, francamente, não consigo responder essa pergunta, porque o olhar dos outros é um olhar muito multivariado, cada um faz o seu olhar a partir das percepções que tem do contato, seja um contato de aula, de consultório, de qualquer outra coisa; são essas percepções que fazem com que ele tenha uma ideia. E eu não sei o que é isso, não faz parte de mim isso, eu não tenho como conseguir chegar a isso, porque é dos outros, eu só posso chegar a um pouco de mim próprio, do meu eu.

♦

MANOEL EDUARDO — Entre o que você revela e o que você é há algo não revelado, que seria fundamental para conhecê-lo? Porque você,

quando se coloca no mundo, expõe-se, você joga um retrato seu. Em última análise, o que seria importante para uma pessoa lhe conhecer, que nem sempre é revelado?

♦

JOÃO MANUEL — O que seria para ela me conhecer seria ter uma convivência longa comigo. Se ela não tiver uma convivência longa comigo, ela não vai chegar perto de mim. Não porque eu não abra, porque não há possibilidade de ter a captação do que é esse João. Quer dizer, eu estou partindo do pressuposto de que esse João é amplo — para o bem e para o mal —, mas ele é amplo, complexo. Então, precisa de uma convivência maior para chegar a ele, porque ele próprio também não sabe muito dele.

♦

MANOEL EDUARDO — E ele lhe surpreende às vezes?

♦

JOÃO MANUEL — Cada vez menos, cada vez menos. Sabe por quê? Porque o João, ao longo dos anos, foi tendo, cada vez mais, uma capacidade muito grande de suportar dúvidas. Eu acho que a maturidade intelectual é a capacidade de suportar dúvidas. Então, ele foi tendo essa maior capacidade e não fica angustiado para responder as angústias que ele não tem respostas. Ele não fica angustiado com isso. Ele tem lá um conjunto de dúvidas e que, às vezes, ao longo do tempo, vão sendo esclarecidas. Mas, eu acho que a riqueza está na dúvida. Então, eu não me importo em ter muitas dúvidas, eu gosto de ter muitas dúvidas, porque, na medida que você tem muitas dúvidas, há um momento de esclarecimento, há um momento da luminosidade em que acende o foco, o flash para aquela dúvida. Então, se você me perguntar, basicamente, o que você é, eu sou um homem pleno de dúvidas e que, ao longo do tempo, esclareceu algumas.

♦

MANOEL EDUARDO — E eu estou querendo articular isso com a

afirmação sobre o seu caráter, que você é um homem tranquilo.

♦

JOÃO MANUEL — Sim. Aí, a convivência com essas dúvidas, ela é tranquila, ela não é angustiante. “Eu tenho que saber!”. Não é “o que eu tenho que saber”, é “o que será que eu posso saber?”.

♦

MANOEL EDUARDO — Nós estamos falando de alma.

♦

JOÃO MANUEL — E na maior parte das vezes, o esclarecimento das dúvidas vem ou por parte da atividade profissional ou espontaneamente. Eu tenho um método para lidar com dúvidas, que é uma coisa muito simples. Por exemplo, me veio uma afirmação e eu, automaticamente, vejo essa afirmação do lado contrário, pelo avesso, para ver se ela tem consistência ou não. Quer dizer, se eu olhar o contrário dela e o contrário dela me mostrar que ela tem consistência, que ela é válida, eu fico com isso. Sabendo que é transitório, evidente, mas eu fico com isso.

♦

MANOEL EDUARDO — Estou falando de alma.

♦

JOÃO MANUEL — O que é que é a minha alma. A minha alma é a vontade de mudar a cabeça dos homens, ela tem como objetivo principal tentar mudar a cabeça dos homens, sabendo que isso não é possível, sabendo que isso não é possível.

♦

MANOEL EDUARDO — Alma do professor.

♦

JOÃO MANUEL – É. Essa é a minha alma.



MANOEL EDUARDO – A questão a seguir intitulei “Escrita”:

*E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...
Que triste não saber florir!
Ter que pôr no verso sobre verso, como quem constrói um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!...^{ix}*

Você, como professor e como escritor, faz da palavra o que o carpinteiro faz das tábuas. Por que esse cuidado com as palavras? É gosto da estética artística ou só medo do feio? O que estimula sua narrativa? Que método e que valores sustentam sua escrita? Suas aulas são preparadas ou adota o improvisado como regra? Conheço sua prosa. Não tenho notícias de poesias. O João é também poeta?



JOÃO MANUEL – O João é um poeta bissexto, um poeta eventual. Agora, o João trata a palavra como a coisa mais importante que existe na interlocução humana, porque a palavra, ela pode trazer possibilidade e ela pode trazer obscuridade. E eu tenho um fascínio pela clareza. Então, espero que a minha palavra sirva ao esclarecimento e não à obscuridade, daí o cuidado com a palavra.



MANOEL EDUARDO – Então, não é um cuidado de ordem estética?



JOÃO MANUEL – Não é ordem estética, não, é humana. E, na hora que é humana, entra a parte científica, entra a subjetividade, mas é fundamentalmente humana.



Em ciência, entendida no sentido racional de análise crítica, não pode haver ideologia. Tratar-se-ia no caso de um embuste intelectual. E em ciência, honestidade intelectual e rigor nas provas são essências para atingirmos bons fins. Daí minha completa aversão a ideologias quando se trata de ciência.¹¹

MANOEL EDUARDO – Você prepara suas aulas?

JOÃO MANUEL – Eu tenho um método que é mais ou menos assim: eu penso a aula e penso o que é mais importante daquele assunto. E, conforme o assunto, eu vejo se é uma coisa que eu precise ou não fazer uma pesquisa científica. Na maioria das vezes, precisa fazer uma pesquisa científica. Então, aí, eu vou pesquisar o que há de novo, o que há de contraditório e eu construo, na minha cabeça, a aula mais simples que eu possa. Porque eu quero atingir o meu público, eu quero atingir a minha audiência. A minha aula é para o audiente, não é para mim. Então, não me preocupo muito com a parafernália do significante, das formas. Não, me preocupo com o significado, quer dizer, o conceito que eu levo aos outros, que pode ser de diversas formas. Por exemplo, pode ser que eu chegue, dê uma aula apenas com palavras. Pode ser que eu dê uma aula com palavras e com um pouco de imagem. Mas se houver imagens, hoje em dia, sempre são poucas as imagens, por quê? Porque imagem serve à síntese, a palavra serve à análise. Você tem que analisar mais e sintetizar menos. Quer dizer, a análise leva à síntese. Então, por isso que tem que ter pouca imagem. E imagem significa síntese, mas ela está atrelada à análise, porque ela não existe sozinha.

Vou dar um exemplo: o cara que falou que uma imagem vale mil palavras era um beócio, era um débil mental, porque isso é um absurdo. Na hora que você coloca uma imagem, na mesma hora você precisa de palavra para interpretar aquilo. Uma das coisas mais difíceis é você pegar, por exemplo, um cartunista e o cara faz um *cartoon* sem

¹¹ Íátrico, v. 35, p. 19

legenda, e aquele *cartoon* dele tem uma explicação universal, consegue atingir qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. É excepcional, cara. O cara fez uma coisa excepcional. A imagem passou a ser autoexplicativa, ela prescinde da palavra, isso é muito raro.

♦

MANOEL EDUARDO — Entre todos os seus escritos há um escrito predileto?

♦

JOÃO MANUEL — Não há um escrito predileto, porque eu acho que os meus escritos prediletos não vieram à tona. E por que é que não vieram à tona? Porque eu escrevi relativamente pouco do que eu poderia ter escrito. Eu acho que eu poderia ter atingido muita gente com os meus escritos e atingi pouca por circunstâncias, mas circunstâncias da vida. Por ter pouco tempo.

♦

MANOEL EDUARDO — Tem muito a dizer ainda.

♦

JOÃO MANUEL — Há sempre muito a dizer. Eu vou te dar um exemplo: o IÁTRICO (a edição n.º 32) que está saindo agora é o IÁTRICO que eu mais escrevi. Eu gostaria que em todos os IÁTRICOS, ter escrito tanto quanto eu escrevi nesse ou até mais. Mas isso não é possível, porque a revista não deve ser eu, ela tem que ser plural, então ela tem que ter muita gente, ela tem que ter diversidade. Então, eu me contento. O meu problema é simples, é que eu posso escrever sobre ciência, eu posso escrever sobre linguagem, eu posso fazer uma poesia. Não estou querendo dizer que eu faça tudo isso bem, mas eu posso fazer múltiplas dessas coisas.

♦

MANOEL EDUARDO — Não estou falando de forma, mas de conteúdo. Que tema você gostaria de ter abordado e não abordou?

JOÃO MANUEL – É que essas coisas me vêm de repente, de repente, não é uma coisa assim: “Ah, eu tenho um planejamento, se eu puder, durante dois anos, eu vou fazer tal livro, tal coisa”. Não, tudo que eu fiz, fiz por circunstância. Se você me perguntar assim: o que você coloca no IÁTRICO, por que você coloca aquilo no IÁTRICO? Porque na hora que eu vou fazer é o que me aparece. Eu vou encontrar aquilo que eu vou escrever, eu vou ao encontro daquilo que eu vou escrever. E isso pode ser muito variável.



MANOEL EDUARDO – “Medicina como desejo”:

*Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de
ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.^x*

O que o clínico de renome queimou do corpo e da alma do João homem? A medicina, e mais especificamente a clínica, foi seu lugar de desejo por ter sido o lugar da falta ou, por não ter sido falta, jamais foi desejo? Quais foram as situações nas quais foi necessário, para tornar a vida grande, deixar de gozar a vida? Se a medicina foi e é desejo, como foi o gozo da formação e como é gozar, tornando grande, a clínica? Profissão, desejo e prazer.



JOÃO MANUEL – Olha, eu acho que você vive dentro da tua circunstância. É essa circunstância que determina aquilo que você vai fazer. Então, na maior parte das vezes, as coisas me foram apresentadas e, em sendo apresentadas, eu tive que reagir a elas, tive que me conduzir a elas e reagir a elas. Então, isso como professor, como profissional ou fazendo qualquer outra coisa. Então, elas aconteceram um pouco por acaso.



MANOEL EDUARDO — Mas, esse aparecer pelo acaso ou não, fez com que você, buscando ser grande, deixasse de gozar a vida?

♦

JOÃO MANUEL — Ah, claro que sim. Veja, se você escolhe isso, fica sem aquilo. Então, é evidente que, por exemplo, para você ser bom em alguma coisa... O Daniel Dennett diz que você precisa de 10 mil horas para ficar ótimo; 10 mil horas. Você consegue, na tua atividade profissional, ficar bom com 10 mil horas exercendo a tua atividade. Agora, quantas mais você conseguiria exercer bem, ser bom com mais 10 mil horas? Então, você tem que renunciar a umas coisas para ficar com outras, essa é a questão. Eu acredito no Daniel Dennett, eu acredito que a pessoa só consiga ficar realmente boa com as tais 10 mil horas, e isso é difícil, é uma baita de uma renúncia. Porque, às vezes, você tem mais do que um talento, mas você não pode exercê-lo porque está exercendo um, você não pode estar exercendo vários ao mesmo tempo. O que eu quero dizer é assim: eu sou melhor professor do que escritor, eu sou melhor médico do que escritor, porque eu tenho muito mais experiência como professor e como médico do que escritor.

♦

MANOEL EDUARDO — Há prazer ou sacrifício nesta escolha?

♦

JOÃO MANUEL — As duas coisas. Vamos dar um exemplo prático de profissão: o paciente vem para você e você não conhece o paciente, pode ser um encontro muito bom, legal, que vá ser útil para ele e agradável para você; e pode ser um desastre. Quer dizer, você tem que suportar uma determinada situação, literalmente suportar. Tem certas pessoas que você é obrigado a suportar profissionalmente. Então, às vezes é gozo, porque você encontra gente bacana, você encontra gente inteligente [...]. Porque isso gera experiências para outras coisas. Agora, o duro, o duro mesmo é quando é aquela coisa que chega ao fim sem nada. Quando eu digo “chega ao fim sem nada”, quer dizer,

o paciente não vai seguir a tua orientação, ele não acreditou em você e ele vai procurar outro médico simplesmente, e nem foi interessante o encontro. Nem para um, talvez, e nem para outro. Então, nada acrescentou.

♦

MANOEL EDUARDO – Você não gozou a vida tanto quanto queria?

♦

JOÃO MANUEL – Ah, isso certamente. Isso certamente, não. Tive que renunciar muita coisa para poder ser o que eu sou. Ah, sem dúvida. Quer dizer, ele restringiu, principalmente porque são profissões que você tem que dar muito de você. Então, a circunstância determinou isso, não foi, digamos, uma questão de temperamento. Por exemplo, eu, nos últimos anos, tenho ido muito pouco ao cinema, mas eu continuo adorando cinema e não vou por circunstância.

♦

MANOEL EDUARDO – Então, o que o gostaria de ter feito mais, ido ao cinema, lido, o que é que teria lhe dado mais prazer?

♦

JOÃO MANUEL – Ah, o que todo ser humano ambiciona. O que todo ser humano que tem 10 mil horas no lombo ou que tenha 20 mil horas no lombo e que seja razoavelmente bom naquilo que faz, o que ambiciona fundamentalmente é ficar para a história, entendeu? Pelo menos, para a sua história. O que ele ambiciona é, no futuro, quando ele morrer, é ser lembrado. Só que não vai ser, só que não vai ser lembrado, só que ele não vai ser lembrado. Mas essa é a grande ambição, é a ambição do poeta, por exemplo, de fazer um verso.

♦

*E a grande arte da vida, no fundo, é você criar
um amálgama de suas crenças com as provas
que você encontrou e se equilibrar bem.*

MANOEL EDUARDO – Que fique.



JOÃO MANUEL – Que fique na boca do povo. Por exemplo, Casiano Ricardo “passou pela vida em branca nuvem”. Mesmo que as pessoas errem, falam: “Passou pela vida em brancas nuvens”. Não, é “em branca nuvem”, “passou pela vida em branca nuvem”. Quer dizer, é sensacional, todo mundo fala. “E o fulano?”. “Passou pela vida em branca nuvem”. Quer dizer, não fez nada, não aconteceu nada, não deixou nada, entendeu? Só prejudicou o outro, só fez estrago para si e para os outros, não acrescentou nada, passou em branca nuvem, entendeu? Quer dizer, todo poeta ambiciona uma frase, que seja, de um poema como esse, para que fique.



MANOEL EDUARDO – Escuta, o próximo é “Erros”. No famoso poema “Poema em Linha Reta”, Fernando Pessoa, no heterônimo de Álvaro de Campos, afirma, já na primeira estrofe, que todos os seus conhecidos têm sido campeões em tudo. Farto de semideuses pergunta-se: “Onde é que há gente no mundo?”^{xi}. Onde João Manuel se faz gente?



JOÃO MANUEL – João Manuel é como qualquer outra pessoa, tentativa e erro, tentativa e erro, tentativa e erro. Ele é o que é a ciência, ele é o que é a vida, tentativa e erro. E o que é que ele espera? Ele espera que as tentativas tenham gerado coisas boas sobre aquilo que ele atuou, e que os erros tenham sido poucos. Isso é o que ele pensa.



MANOEL EDUARDO – Essa pergunta é um pouco mais... “Verdade, mentira, certeza e incerteza”:

*Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras...
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas sobre o mais
alto dos joelhos cruzados.*

[...]

O cego para na estrada, desliguei as mãos de cima do joelho.

[...]

*Qualquer coisa mudou numa parte da realidade – meus joelhos e as
minhas mãos.*

*Qual é a ciência que tem conhecimento para isto?
O cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos.*

Já não é a mesma hora...

Ser real é isto. ^{xii}

É inegável o avanço da medicina: quando as coisas mudam, ela também muda. Mas o que parece Pessoa querer denunciar neste poema é a incorreção de toda pretensão científica de certeza. Parece adotar como pressuposto que é eticamente aconselhável sempre operar com incerteza em face da complexidade da realidade. Considerando isso, como lidar com o afazer diário do diagnóstico, instrumento que, em última análise, constitui-se como resultante de um saber médico sobre o real? Até que ponto a medicina reconhece, como Pessoa, “*que nunca é o que se vê quando se abre a janela*”^{xiii}? Qual a relação que você estabelece entre o senso comum — que em geral sustenta as opiniões ouvidas na anamnese — e o saber da ciência? Em outras palavras, a fala do paciente é útil na construção da hipótese diagnóstica?

♦

JOÃO MANUEL — A fala do paciente é fundamental na fundamentação do diagnóstico. Eu consigo fazer diagnóstico pela fala do paciente em pelo menos 80% dos casos; só pela fala. Os 10% restantes ficam por conta de exame físico, e os outros 10% de exames complementares. Então, a palavra é líder, ela é fundamental para o diagnóstico e por isso que a preservo tanto, por isso que dou um significado muito especial.

MANOEL EDUARDO — Na construção da hipótese?



JOÃO MANUEL — Na construção da hipótese. Ela é essencial na construção da hipótese. Agora, quando se diz que só houve príncipes na vida, quer dizer, eu acho maravilhoso esse poema, porque esse poema não é dirigido para aos outros, é dirigido a nós próprios. E a nossa veleidade de acharmos de que sabemos mais do que na verdade sabemos. E por isso, mais uma vez eu insisto, em que sempre que eu busco conhecimento, eu o procuro e, quando acho, eu, no mesmo momento, faço o teste fatal com ele. Quer dizer, no contrário, ele sobrevive? Ao contrário, ele sobrevive? Do outro lado, do lado não iluminado, ele sobrevive? Essa é a questão fundamental, por saber que a possibilidade de erro está sempre presente.

*O que funciona na homeopatia é a dose
de médico que eles impregnam.*

MANOEL EDUARDO — E o saber popular em face do saber médico?



JOÃO MANUEL — Eu não aceito. Para mim, senso comum é uma inexistência pessoal. Senso comum, senso comum. É diferente de bom senso. Bom senso é uma coisa que foi cristalizada ao longo dos séculos com o saber dos filósofos, dos poetas, dos cientistas. Então, o bom senso, ele carrega sempre alguma coisa boa, não necessariamente prática, mas boa. Agora, o senso comum, ele é uma tragédia.



MANOEL EDUARDO — É uma tragédia?! Por exemplo, não tomar banho depois da refeição, típica expressão do senso comum. Não há uma verdade ali a ser desbravada? Não há uma verdade na dicção, na fala do senso comum?

JOÃO MANUEL – Não, tem uma ou outra verdade, ele não vai encontrar muitas. As pepitas do senso comum são poucas e difíceis de achar. Por exemplo, essa que você colocou, ela é uma meia verdade. Claro, se você fez uma alta refeição e está com muito sangue no aparelho digestivo e vai tomar um banho quente, que dilata os vasos da pele, a tua pressão pode baixar, você tem uma tontura e fazer uma lipotimia. Então, há um sentido nisso. Quer dizer, que é um mesmo sentido de você comer e nadar. Por exemplo, aí, o senso comum ajuda, mas o que eu quero dizer é que é muito difícil você encontrar esse senso comum no dia a dia. Na maior parte das vezes, ele só atrapalha, ele não é produtivo.



MANOEL EDUARDO – E em relação à incerteza decorrente da constatação da falibilidade dos limites da ciência. Que é lógico, quando você faz uma hipótese diagnóstica, é uma hipótese com diversas limitações tecnicocientíficas.



JOÃO MANUEL – É que para mim, veja, fundamentalmente, o diagnóstico, por exemplo, está sempre aberto. Ele não se fecha, ele está sempre aberto, mesmo na hora que você concluiu e usou terapêutica etc e tal. Pode haver uma novidade, pode haver uma nova vertente, então ele está sempre aberto.



MANOEL EDUARDO – E é uma indicação...



JOÃO MANUEL – E eu levo isso para a vida. Eu acho que você tem que estar aberto com relação às coisas, porque aí você fica preconceituoso. Então, para mim, o importante é: deixa eu ver os dados, vamos ver os dados e, diante desses dados, deixa eu buscar a minha posição.



MANOEL EDUARDO – E você acha que a hipótese diagnóstica se constrói como um silogismo do tipo: a ciência afirma A, o sujeito tem B, a conclusão vai sempre ser C. É isso?

♦

JOÃO MANUEL – Não, o diagnóstico vai ao encontro do real do paciente. Agora, o médico ou o paciente pode falhar nesse encontro, mas o diagnóstico vai sempre ao encontro do paciente. E sem diagnóstico, evidente que não vai haver terapêutica responsável adequada.

♦

MANOEL EDUARDO – Entendi. Você é reconhecido por ser um médico com ótimo diagnóstico. Teria um conselho que fosse fundamental para se ter um bom diagnóstico?

♦

JOÃO MANUEL – Eu acho que o fundamental é você aprender a pensar os dados que a medicina te dá. E é muito difícil você ter um profissional que tem essa habilidade por um motivo muito simples: os livros de medicina não ensinam a pessoa a raciocinar. Os livros de medicina dão informação; eles não ensinam a raciocinar. É um ou outro só que ajuda a raciocinar. Então, eu sempre busquei fontes que me ajudassem a raciocinar. Vou dar um exemplo: eu sempre tive um carinho muito grande pelas discussões anatomoclínicas do *New England Journal of Medicine*, porque ali tem o relato do caso do paciente. Aí vão os médicos e colocam os dados que acharam nesse paciente, do radiologista etc. Há um relator que vai tentar fazer o diagnóstico. E, por fim, entra o patologista, que fez a necropsia do paciente e vai dizer se aquilo é verdadeiro ou não. E, surpreendentemente, em pelo menos 25% dos casos, o relator está errado, mesmo quando estuda profundamente um caso. Claro que são casos complexos, mas é o tipo da situação em que ajuda você a raciocinar. O *New England* atualmente é semanal; uma semana ele traz um caso clínico desse, no outro ele traz um caso chamado ‘*clinical problem solving*’ – resolvendo um problema clínico –, que é um diálogo entre

um professor e um aluno residente, em que o aluno apresenta um doente. Ele vai respondendo, o aluno diz mais dados, ele vai raciocinando. Quer dizer, isso é que permite ao médico ter uma agilidade mental maior. E precisa um pouco também de temperamento de a pessoa gostar disso, de a pessoa gostar desse jogo. Na hora que você pensa nisso como um jogo, entendeu? Quer dizer, de ganhar o jogo. E se é um jogo, eu quero chegar lá, eu quero ganhar esse jogo, eu não quero perder esse jogo.

♦

*Diálogo e monólogo, essências do humano.
Uma boa maneira de navegar em buscas de
novas descobertas. Para isso, ler é preciso.¹²*

♦

MANOEL EDUARDO — “Eu e meus mestres”. Este é o tema da próxima questão.

*Mestre, meu mestre querido!
Coração do meu corpo intelectual e interior!
Vida da origem da minha inspiração!^{xiv}*

Ouvi de vários médicos a importância que teve, no curso de medicina, as lições do João Manuel. Muito afeto e gratidão é o que senti nas sentenças de seus ex-alunos. Efetivamente você é um bom professor. Há pouco um experiente e consagrado médico, sabendo que eu estaria com você, pediu-me: “Diga para o João que escolhi a clínica médica pela boa influência de suas aulas”. Que mestres foram marcantes em sua formação e que permanecem ainda hoje entoando lições ao João médico? Que débitos, sempre impagáveis, você mantém com eles? Quem são, neste sentido, seus credores? O que diria a eles?

♦

JOÃO MANUEL — Bem, o que eu diria a eles é um “muito obrigado”.

¹²Iátrico, v. 29, p. 06

Foram poucos, pouquíssimos, mas extremamente relevantes. Vamos supor, Arnaldo Moura, por exemplo, professor de propedêutica... Ele era o 'Sr. Sequência'. A aula dele era perfeita, tinha começo, meio e fim sempre, e de uma maneira clara. E usando o mínimo de significantes, o mínimo de formas, quando muito um quadro de giz, eventualmente uma imagem. Então, a capacidade que ele tinha de começar e terminar, com começo, meio e fim, num português escorreito, sem errar nenhuma palavra, muito bom. Tanto que eu comecei, isso era no terceiro ano. E eu comecei porque havia uma coincidência de horário, eu tinha esse horário vago, à 1h da tarde, segundas, quartas e sextas. Eu assistia, no segundo ano, as aulas dele no terceiro ano de tanto que eu gostava. Então, está aí uma pessoa a qual foi mestre para mim. E por uma feliz coincidência, foi na cadeira dele na Academia Paranaense de Medicina que eu entrei. Eu o substituí na cadeira da Academia Paranaense de Medicina. Então, foi uma coisa, para mim, realmente tocante.

♦

MANOEL EDUARDO — Haveria outro nome a ser mencionado, além de Arnaldo Moura?

♦

JOÃO MANUEL — Há. Eu tive, por exemplo, professores, vamos supor, Alberto Veiga, a capacidade de chegar perto do doente, conversar com o doente e buscar um sinal no corpo do paciente. E você ficar olhando como é que se processa isso; também propedêutica, propedêutica prática, clínica propedêutica prática. Então, você veja que tudo isso foi no terceiro ano.

♦

MANOEL EDUARDO — Mais algum nome?

♦

JOÃO MANUEL — Teve nomes que foram, assim, em que eu aprendi algo mais pela ação performática deles. Vamos supor, você pega um

Mario de Abreu. Mario de Abreu era um performático. Quer dizer, a performance dele era tentar mostrar que ele sabia o que estava dizendo e que ele era o melhor no que estava falando. Tal: “Estou aqui, quem é que quer atirar em mim?”. “Quem é que quer atirar em mim?”. Só que ele estava com uma bazuca. Estava com uma bazuca.

♦

MANOEL EDUARDO – “Leitura”.

*Quais foram os livros que mais me transmudaram
em mim mesmo para aquela pessoa diferente
que todos nós desejamos ser?^{xv}*

Como você responderia a essa indagação, que é a tradução de uma pergunta que um amigo de Pessoa fez a ele? Essas leituras também tiveram impacto na formação do João médico? Qual a relação estabelecida por você entre literatura e medicina?

♦

JOÃO MANUEL – Ah, tiveram uma influência fundamental. Só que essa influência não é uma influência no sentido, objetivamente; ela não tem como ser sentida objetivamente. Claro que quando você, por exemplo, lê *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, e você vê a personagem, personagem com tuberculose e desnudando suas precárias vidas de amores, de dinheiro e de doenças. Quer dizer, claro que isso tem um impacto. Agora, onde, como, em que grau não dá para saber, mas é um grande livro e que certamente extraí lições dele. Agora, onde eu apliquei, não sei, porque fez parte de um corpo. Então, uma coisa que eu deixaria claro é o seguinte: eu nunca fui seguidor de nada, eu sou singular, mas gosto do plural. Então, sempre busquei o plural, sempre busquei muitas fontes, todas as fontes.

♦

MANOEL EDUARDO – Seria um livro, vamos dizer assim, que teria

determinado uma mudança?

♦

JOÃO MANUEL – Não, nunca teve. É uma metanoia, uma conversão.

♦

MANOEL EDUARDO – Não?

♦

JOÃO MANUEL – Não, nunca existiu. Existiram excepcionais livros, mas não um livro, assim, que... Tanto que se você me pergunta: se você fosse para uma ilha deserta, por exemplo, qual livro que você levaria? Eu levaria, sem pestanejar, diria: “Eu levaria a Bíblia”. Por um motivo muito simples, porque a Bíblia dá para tudo, é um livro que você pode ficar anos com ele que dá para tudo?

♦

MANOEL EDUARDO – O que é “dá para tudo”?

♦

JOÃO MANUEL – Serve para você refletir sobre a condição humana, sobre o sexo, sobre doença, sobre revelação. Serve para tudo. A Bíblia serve para tudo. Não há um outro livro que sirva tanto para tudo quanto ela. Então, seria o que eu levaria, porque eu teria material a ser descortinado. Mas se você me perguntar se eu tenho lido a Bíblia ultimamente. Não, tenho lido outros livros.

♦

MANOEL EDUARDO – Você se considera um cristão?

♦

JOÃO MANUEL – Eu sou um cristão por tradição. Cristão por tradição, tradição familiar. A maioria das pessoas tem religião por tradição, não é por opção. Não é depois de ter estudado as várias religiões, e tal, comparado, aí faço escolha e tal. Não, é por tradição.

MANOEL EDUARDO – As linhas fundamentais do cristianismo você têm?

♦

JOÃO MANUEL – Eu as obtive, claro. Por quê? Por causa da casa, da família e porque estudei em colégios cristãos.

♦

MANOEL EDUARDO – Você é um crente?

♦

JOÃO MANUEL – Depende do que a gente queira chamar de crente. Sou um crente na ciência, eu sou um crente na poesia. E, claro, se você me pergunta: o que é que você é? Eu sou agnóstico, eu estou pronto. Só quero as provas, mas estou pronto. Adoraria, até adoraria que houvesse porque como eu acho que, na minha vida toda, o saldo foi positivo. Quer dizer, o meu haver foi pouco maior do que o deve; eu acho que me salvaria. Então, se houvesse essa possibilidade, seria ótimo. Se existisse, seria ótimo.

♦

MANOEL EDUARDO – Estava habilitada...

♦

JOÃO MANUEL – Seria ótimo. Agora, se você me diz: você está no lucro, mas chega lá; e fala para você: você não estava acreditando e agora você quer ficar aqui no bem e bom. Eu diria para eles como Bertrand Russel: "Olha, o problema foi vosso, que não me deu inteligência suficiente para alcançar isso".

♦

MANOEL EDUARDO – “Psicossomática e o Iátrico”.

*Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu.*

*Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos
podem dar,
e tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.* ^{xvi}

A ciência em alguma medida é narcísica, atraindo seu olhar sobre ela mesma. Isso não seria problema se olhar para ela não implicasse necessariamente empurrar nosso olhar para “*longe de todo o céu*”. Sua opção pela psicossomática seria uma tentativa para olhar além desse espelho? Como ver quando a ciência fecha à chave seus limites e insuficiências? O IÁTRICO pretende ser uma fresta nessa porta? Uma abertura que empurra nosso olhar para longe precisamente para chegarmos nesse lugar tão perto, que é aonde se situa o paciente?



JOÃO MANUEL – Não, a pretensão do IÁTRICO sempre foi fundamentalmente cultural. Então, o IÁTRICO pretende, através dos ensaios, das poesias, de artigos, fazer com que a pessoa tenha uma configuração um pouco melhor da sua existência. Porque se ela melhorar existencialmente, ela vai melhorar profissionalmente. Essa é no sentido de leis como pretensão, digamos. Mas eu queria deixar claro o seguinte: o Balzac dizia que todo ato consciente é um ato de vaidade. Então, na hora que nós estamos fazendo esta entrevista, isto é um ato de vaidade. Basta nós exercermos a nossa consciência, nós estamos fazendo um ato de vaidade. Quando você vai dar uma aula, você quer ser apreciado pelos teus alunos. Se eles baterem palmas ao final da aula, você vai se sentir profundamente recompensado. Como contraponto a isso há São Tomás de Aquino. São Tomás de Aquino dizia o seguinte: “*Contemplata aliis tradere*” – a questão mais nobre do ser humano é levar aos outros a contemplação. “*Contemplata aliis tradere*” – levar à contemplação é a função mais nobre do ser humano. No quê? Para ele apontar um ponto luminoso, na ciência, na religião, em qualquer coisa. Se você conseguir levar ao outro alguma coisa que possa ser um ponto luminoso para ele, posteriormente, é a função mais nobre do ser humano. Então, eu espero ter sido muito mais São Tomás de Aquino do que Balzac.

Modo de usar o intelecto: Você só pode progredir intelectualmente com esforço e disciplina, e aos poucos. Aprenda uma coisa de cada vez, compare-a e confronte-a, colocando-a do avesso. Se passar pelo crivo lógico, aproprie-se. Coloque quantum satis de verdade, necessidade e bondade. Depois, é só usar.¹³

MANOEL EDUARDO – Mais duas. “Vida”.

*A morte chega cedo,
Pois breve é toda a vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida.*

*O amor foi começado,
O ideal não acabou,
E quem tenha alcançado
Não sabe o que alcançou.^{xvii}*

Eu só comecei a sentir a presença da morte depois dos 50 anos. A partir de então essa companheira malquerida passou, paradoxalmente, a reencantar minha vida. Mas se é certo que ela me ensinou a viver, viver não me ensinou a morrer. A brevidade da vida, para mim, continua ser uma indignidade. Sinto a compulsoriedade da dor e da morte como sentiria um furto ou um roubo. Você, como médico, esgrima cotidianamente com a dor e com a morte. Julga-as parceiras ou inimigas? Mestres ou vilãs? E como fica nossa vida que é nossa e que nos tiram sem pedir? E as sobras, os vestígios – restos que a morte não apaga – são heranças ou encargos?

JOÃO MANUEL – Primeiro, eu acho que a morte, como ela se apresenta à gente, é uma das maiores invenções que existe. Por um motivo simples: como você não sabe quando vai morrer, você deixa de fazer

¹³Jaculatórias, p. 79

mil besteiras, porque se você soubesse quando iria morrer, seria um desastre. Você queria acelerar um monte de coisas, de prazeres a poder, que não dariam certo. Então, eu acho que a morte está muito bem colocada do jeito que ela está. E eu prezo a morte no sentido da boa morte, aquela morte que vem e que leva a pessoa sem sofrimento, calmamente, sem maiores traumas. Tenho medo do sofrimento doloroso e da limitação que possa ocorrer por doenças e de doenças prolongadas que não levam a nada. Então, eu gostaria de ter uma boa morte. Essa é a minha profissão, sou amigo da morte; não amigo, nem inimigo. Eu diria o seguinte: eu estou pedindo mais prorrogação. Se eu estou pedindo mais prorrogação é porque eu acho a vida interessante.

♦

MANOEL EDUARDO – O senhor não tem, como eu, essa sensação de roubarem a vida.

♦

JOÃO MANUEL – Não. Não tenho. Eu acho que eu consigo, espero, espero, mas eu acho que eu conseguiria morrer tranquilamente, suavemente.

♦

MANOEL EDUARDO – E o fato de você ter escolhido uma profissão precisamente que se volta para, de alguma forma, contra a morte. Não é uma...

♦

JOÃO MANUEL – Contradição, é isso? Mas quando eu fiz essa escolha, a morte não entrava nisso, o que entrava nisso era a biologia. A morte não fazia parte.

♦

MANOEL EDUARDO – E a dor, você teria uma definição?

♦

JOÃO MANUEL – A dor é um sinal clínico fundamental para diagnóstico. É uma pena que a medicina ainda não domine todas as dores, mas ela está no caminho. O sofrimento humano já foi horrível, hoje ele é muito melhor.

♦

MANOEL EDUARDO – A sua posição em relação à morte e à dor é uma resignação?

♦

JOÃO MANUEL – É uma resignação. Sou resignado a isso. Quer dizer, é isso que se apresenta e eu sou resignado a isso, não que eu queira, mas sou resignado. É assim o jogo. O jogo vai terminar dessa maneira? O jogo vai terminar aos 45 minutos do segundo tempo? Acabou.

♦

MANOEL EDUARDO – Entendi.

♦

JOÃO MANUEL – Gostaria de ter uma prorrogação nesse jogo, mas é assim que está sendo. Mas é assim, aceito. Não me revolto contra isso, não.

♦

MANOEL EDUARDO – E essa prorrogação, essa prorrogação é o acaso biofísico ou essa prorrogação haveria algum sentido espiritual?

♦

JOÃO MANUEL – Não, é mais sentido de fruir esteticamente a vida, estética e eticamente a vida.

♦

MANOEL EDUARDO – Último, que eu chamei de “reticências”...

Em *Reticências* Pessoa começa dizendo “*arrumar a vida, por prateleiras na vontade e na ação.*”^{xviii} Ao organizar sua vida você instalou várias prateleiras. Nelas, por vontade e por ação, foram organizadas as páginas já escritas, as fotografias já reveladas, os filmes já editados. Mas, certamente, há vazios, há reticências...



JOÃO MANUEL — Olha, no fundo, no fundo, eu gostaria que as prateleiras tivessem mais vazias, porque eu gostaria de jogar fora um monte de porcaria. E gostaria de reler algumas coisas que eu gostei muito e que não sei se agora eu gostaria ou não; não sei se seria bom ou não. Porque, às vezes, a decepção é grande, era bom antes e depois já não é, porque mudou a vida, você mudou e você não acha aquilo mais tão bom quanto era. Mas, eu gostaria de ficar no meu final de vida com poucos livros, com poucos livros e com muita experiência de vida. Com poucos livros e com muita experiência de vida. Então, a minha síntese é essa: eu gostaria de, no final, ficar com poucos livros e muita experiência social, muita experiência existencial. Claro que os livros me ajudaram muito, mas a vida me ensinou muito mais.



MANOEL EDUARDO — E essa experiência é, de alguma forma, eu quero dizer assim...



JOÃO MANUEL — Se ela rende dividendos para os pacientes?



MANOEL EDUARDO — Não, no sentido que essa experiência pode se constituir em herança?



JOÃO MANUEL — É difícil.



MANOEL EDUARDO – Quer dizer, você pode passar essa experiência para outro indivíduo?

♦

JOÃO MANUEL – Isso é difícil.

♦

MANOEL EDUARDO – Não é um legado, não é?

♦

JOÃO MANUEL – Não é um legado, não. Não é um legado, é no máximo uma lembrança. “Ah, tive um bom professor”, “As aulas eram assim, assado”, “Ah, naquela época, o cara falou aquilo”. Um eco. No final, é apenas um eco. E não podemos esperar mais do que um eco. Se ele existir, já ganhamos a vida. Se ele existir, mas não é mais do que um eco. A gente tem que aceitar de maneira bastante humilde isso, que a vida, intelectualmente falando, da maneira como você exerceu, foi apenas um eco.

♦

MANOEL EDUARDO – Se fosse possível dizer que o João médico foi um bom profissional, um bom médico, importante, um bom professor, bom pai, bom esposo, um bom cidadão. Entre todos desses adjetivos postos, essas diferentes facetas do João, qual que você gostaria de deixar um bom: professor ou médico?

♦

JOÃO MANUEL – Não. Uma pessoa que tentou ser honesta da maneira mais absolutamente possível com a sua consciência. Se tiver conseguido ser honesto em todos esses segmentos da minha consciência, alguma coisa positiva eu fiz, alguma coisa eu deixei para eles, seja como professor, médico, pai etc. Então, espero isso. Não é muito, mas é o que tenho a dar. Se aqui... Eu acho que a gente devia ser muito mais humilde em relação às nossas coisas, sabe? Quer dizer, nós já temos gênios suficientes em todas as áreas ao longo da história

humana que deixaram um legado extraordinário. E o legado atual vai ser ética e tecnologia. Conjugação da ética com a tecnologia, porque estão se apresentando determinados problemas técnicos para os quais nós não temos respostas éticas. Então, ética e tecnologia vai ser a discussão do futuro.

♦

MANOEL EDUARDO – Interessante que durante toda a nossa entrevista esteve presente essa disjuntiva ciência e não ciência.

♦

JOÃO MANUEL – Porque é necessária, não é?

♦

MANOEL EDUARDO – É, porque eu acho que a ciência, ela não confere sentido. O sentido...

♦

JOÃO MANUEL – Não é que não confira o sentido, é que a ciência não abrange todo o real. Então, como a ciência não abrange todo o real, a gente não pode acreditar só na ciência.

♦

A ciência tem que iluminar o obscuro. Como sempre o fez a filosofia. Ambas buscam o saber com a humildade do provisório. Ambas são meios para a mudança. Uma, para o individual, a filosofia. Outra, para o coletivo, a ciência. Mudam a maneira de avaliar. A ciência é corpo, a filosofia espírito: indissociáveis. A ciência é prática, tende a mudar o mundo (via tecnologia); a filosofia não o muda, mas nos ajuda a entendê-lo. A filosofia é ótima individualmente, desenvolve o potencial das pessoas para pensar logicamente e com rigor: ínfima no plano coletivo. A ciência apreende o mundo e o modifica. Quem viu enfermarias inteiras de crianças com poliomielite sabe do que estou falando.¹⁴

¹⁴Jaculatorias, p. 145.

MANOEL EDUARDO – Mas a ética é substrato da ciência, no sentido de que a ética é que confere o curso da...



JOÃO MANUEL – Claro. Não duvido disso, e a medicina tem uma coisa que em relação às outras é ótima. É que, em medicina, não subsiste a fraude. Se alguém é pego construindo dados, fraudando dados de pesquisa e é descoberto, e fatalmente vai ser descoberto, é uma questão de tempo. Isso é uma coisa devastadora para a pessoa, simplesmente acaba com a pessoa. Acaba com a pessoa. Isso limita muito os fraudadores, não é? Mas que sempre vai existir, evidentemente, e por isso que a ética tem que estar sempre presente e vigilante. E na medida em que a tecnologia avança mais e mais, mais fraudes você tem, tanto que tem um monte de coisas que você deixa para trás, porque não era o que se esperava que fosse. Mas, aí, pode ser por ineficiência. O meu problema não é na ineficiência, porque se descobriu coisa melhor, então vamos deixar isso de lado. Meu problema é de as pessoas serem honestas, claras com os outros, confiáveis naquilo que estão fazendo.



MANOEL EDUARDO – Você disse que tiraria um monte de coisas dessa prateleira, mas teria alguma coisa especial que gostaria que estivesse nela e não está? Vamos dizer, o que gostaria de colocar?



JOÃO MANUEL – O livro da minha vida.



MANOEL EDUARDO – O livro da sua vida. Ok.



JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS
(★1947 – †2014)





João Manuel com os pais, em Portugal.



Na escola ginasial.

CRONOLOGIA

EPISÓDIOS MARCANTES NA VIDA DE JOÃO MANUEL CARDOSO MARTINS

- 1947 Nascimento em Montes da Senhora, Beira Baixa, Portugal. Primeiro filho do motorista de táxi José Martins e da dona de casa Maria do Carmo Martins Cardoso, registrado em 26 de junho.
- 1953 Emigra com os pais para o Brasil, de navio. Saem de Lisboa com destino ao porto de Santos, fazendo escala no porto do Rio de Janeiro. Seguem viagem de ônibus até Arapongas, Norte do Paraná.
- 1956 A família deixa Arapongas e migra para Rolândia, onde se estabelece com uma venda de “secos e molhados”.
- 1962 Inicia os estudos do ‘secundário’ no colégio Marista de Londrina, cidade-polo da região, distante 22 km de Rolândia.
- 1964 Chega em Curitiba, aos 17 anos, para fazer o ‘terceirão’ e o cursinho pré-vestibular. Os pais deixam Rolândia para se estabelecer em Londrina, após o nascimento de Maria Aparecida Cardoso Martins, segundo filho do casal.
- 1965 Ingressa no curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da então Universidade Católica do Paraná.



João Manuel no casamento com a também médica Maria Isabel.



Professores e acadêmicos de Medicina da turma do Dr. João Manuel, graduada em 1971.

- 1968 Engaja-se nas atividades do Diretório Acadêmico Victor do Amaral “DAVA”, como secretário científico-cultural, ajudando a fundar o ‘jornalzinho’ *O Crânio*, com seu viés crítico ao momento político nacional.
- 1969 Torna-se vice-presidente do DAVA.
- 1971 Graduado no curso de Medicina, recebe prêmio da Faculdade pela segunda colocação no curso. Escolhido orador da turma pelos colegas.
- 1972 Por destacado desempenho acadêmico, passa a integrar o corpo docente do curso de Ciências Médicas da Universidade Católica do Paraná como professor-instrutor da faculdade. Admitido ao corpo clínico do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia (HSCM), fica responsável pelo ambulatório de Clínica Médica do HSCM. Passa a coordenar o Internato de Clínica Médica do sexto ano do curso de medicina da UCP. Casa-se com Maria Isabel da Fonseca Martins, natural de Ribeirão Preto (SP), também descendente de portugueses e que igualmente escolheu a Medicina como profissão.
- 1973 Aprovado no exame do *Educational Council for Foreign Medical Graduates* (American Board). Passa a coordenar a disciplina de reumatologia da Católica.
- 1974 Título de especialista em Reumatologia pela Sociedade Brasileira de Reumatologia. Nascimento do primeiro filho, Juliana Martins, em 7 de outubro.
- 1975 Nomeado professor auxiliar de ensino de Clínica Médica do Centro de Ciências Biomédicas da Católica. Assume a preceptoría da residência de Clínica Médica do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.



Prof. João Manuel, com os pais.



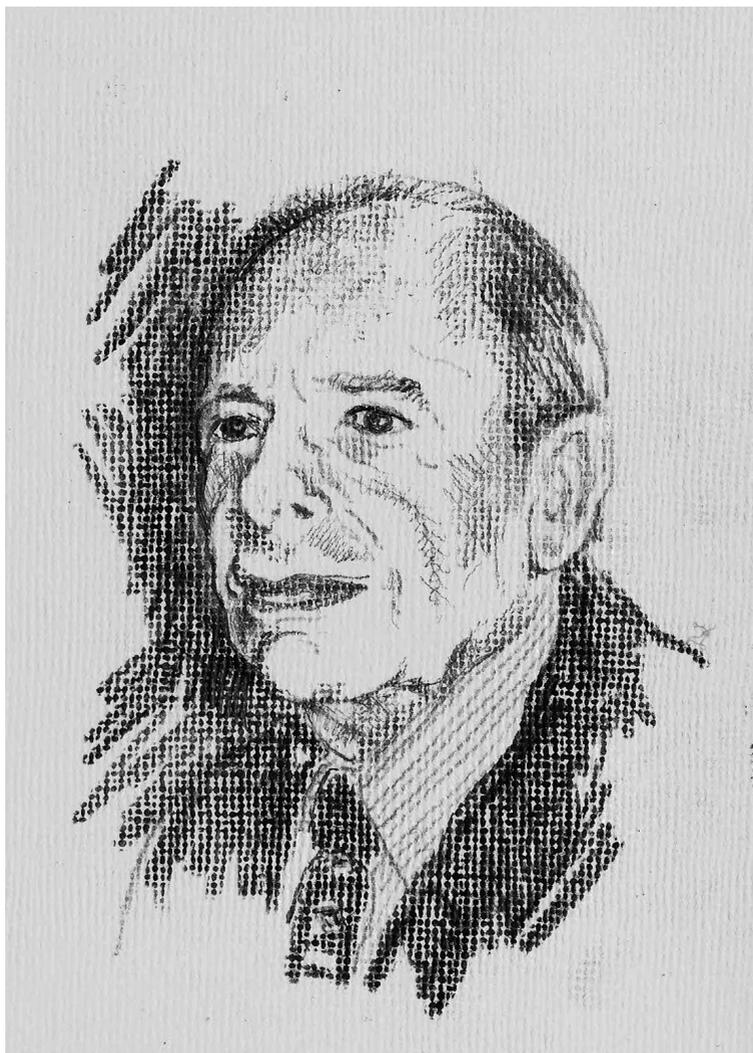
Ao receber a "Medalha de Lucas - Tributo ao Mérito Médico", com os ex-presidentes do CRM-PR, Gerson Zafalon Martins e Carlos Roberto Goytacaz Rocha.

- 1976 Nascimento do segundo filho, Flávia Martins, em 28 de maio. Aprovado no concurso público realizado pelo DASP, como reumatologista.
- 1977 Nascimento do terceiro filho, Vitor Emanuel Martins, em 4 de abril.
- 1978 Nomeado professor assistente do departamento de Medicina Interna do Centro de Ciências Biológicas da Católica.
- 1979 Nascimento do quarto filho, João Luiz da Fonseca Martins, em 20 de julho. Assume cargo de chefe do serviço de Clínica Médica do Hospital de Caridade da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.
- 1980 Idealiza e edita o 'Boletim Médico', encarte científico-cultural da sociedade médica dos Hospitais da Santa Casa.
- 1993 Toma Posse da cadeira nº 34 da Academia Paranaense de Medicina do Patrono Arnaldo Moura, em outubro.
- 2002 Nascimento do primeiro neto – Maria Clara Martins, em 30 de julho. Convidado pelo Presidente do CRM-PR Luiz Sallim Emed e pelo tesoureiro-adjunto Gerson Zafalon Martins, cria o primeiro livreto da série Cadernos do Conselho, "Médico: sugestões para o dia-a-dia". Ponto de partida para publicação do IÁTRICO, que tem sua primeira edição lançada como suplemento do Jornal do CRM-PR nº53. Torna-se seu editor e passa a integrar o conselho editorial das publicações do Conselho.
- 2003 IÁTRICO ganha concepção de encarte do Jornal do Conselho na edição de março.
- 2004 Falece o pai José Martins.



Em 2013, em Salvador (BA), distinguido pelo CFM com a "Comenda Moacyr Scliar de Medicina, Literatura e Artes".

- 2005 Casamento de Flávia Martins com o dinamarquês Lars Adser, em setembro, na cidade de Copenhagen.
- 2006 O IÁTRICO torna-se revista impressa seriada do CRM-PR a partir da edição nº17.
- 2007 Falece a mãe, D. Maria do Carmo Martins Cardoso.
- 2008 Nascimento do segundo neto – Mathias Martins Adser, em 5 de janeiro.
- 2009 Lançado o livro *Jaculatórias – Sugestões para o dia a dia do médico*. Editado pelo CFM.
- 2010 Em solenidade ao Dia do Médico, é condecorado com a Medalha de Lucas – Tributo ao Mérito Médico, pelo CRM-PR, como destacado profissional da ética médica, do conhecimento, e das causas sociais e humanitárias.
- 2011 Nascimento do terceiro neto, João Guilherme, em 14 de abril. Casamento de Vitor Emanuel Martins com Bruna Bramorski Medeiros, ambos médicos, em 23 de outubro, em Joinville (SC).
- 2012 Nascimento do quarto neto, Maitê Medeiros Martins, em 16 de abril.
- 2013 Nascimento do quinto neto, Lívia Medeiros Martins, em 19 de julho. Contemplado com a “Comenda Moacyr Scliar de Medicina, Literatura e Artes”, pelo CFM, durante o III Congresso Brasileiro de Humanidades em Medicina, realizado na Bahia, em outubro. Lançado, na ocasião, o livro *Primeiras Impressões - Iátricas em Perspectiva*, publicação de 406 páginas com coletânea de artigos do editor da revista IÁTRICO.
- 2014 Casamento da filha Juliana Martins com o inglês Sean Patrick Kearney, em agosto, na cidade de Curitiba. Falece na madrugada de 18 de novembro, em Curitiba, aos 67 anos.



REFERÊNCIAS

- i Álvaro de Campos, 1929. Apud. PESSOA, Fernando. Aniversário. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986. p. 313.
- ii Fernando Pessoa, 1918. Apud. PESSOA, Fernando. *Mar Português*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 16.
- iii Fernando Pessoa, 1934. Apud. PESSOA, Fernando. *Sá-carneiro*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 459.
- iv Fernando Pessoa, 1933. Apud. PESSOA, Fernando. *Isto*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 106.
- v Fernando Pessoa, 1910. Apud. PESSOA, Fernando. *Autocentrismo e indefinição*. In: PESSOA, Fernando. *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986. p. 38.
- vi Fernando Pessoa, 1928. Apud. PESSOA, Fernando. *Presságio*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986. p. 388.

- vii *Idem, Ibidem.*
- viii Fernando Pessoa, 1934. Apud. Pessoa, Fernando. *Canto a Leopardi*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 452.
- ix Alberto Caeiro, 1914. Apud. PESSOA, Fernando. *Guardador de Rebanhos*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, *Obra Poética*. Rio Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 156.
- x Fernando Pessoa, s/data. Apud. PESSOA, Fernando. *Mensagem à memória do presidente-rei Sidónio Pais*. In: PESSOA, Fernando. *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986. p. 1.
- xi Álvaro de Campos, 1935. Apud. PESSOA, Fernando. *Poema em linha reta*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 352.
- xii Alberto Caeiro, 1919. Apud. PESSOA, Fernando. s/título. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 166.
- xiii Alberto Caeiro, s/data. Apud. PESSOA, Fernando. s/título. *Poemas inconjuntos*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 165.
- xiv Álvaro de Campos, 1928. Apud. PESSOA, Fernando. *Adiamento*. In: PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 303.
- xv Fernando Pessoa, s/data. Apud. PESSOA, Fernando. *Formação Cultural*. In: PESSOA, Fernando. *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 68.

- xvi Alberto Caeiro, 1914. Apud. PESSOA, Fernando. Guardador de Rebanhos. In: PESSOA, Fernando. Obra Poética. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986.p. 142.
- xvii Fernando Pessoa, 1933. Apud. PESSOA, Fernando. Isto. In: PESSOA, Fernando. Obra em Prosa. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986. p. 105.
- xviii Álvaro de Campos, 1929. Apud. PESSOA, Fernando. Reticências. In: PESSOA, Fernando. Obra Poética. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S. A., 1986. p. 311.



Foto – Andressa Katriny/CMC

MANOEL EDUARDO ALVES CAMARGO E GOMES é advogado, consultor jurídico e professor do Departamento de Direito Público da UFPR, possuindo mestrado, doutorado e pós-doutorado nesta área.

Este livro foi impresso pela Gráfica Comunicare, no inverno de 2016, sobre papel Pólen bold natural 90 g/m².

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

Rua Victório Viezzer, 84, Vista Alegre, 80810-340, Curitiba-PR

Fone: (41) 3240-4000 | Fax: (41) 3240-4001 | protocolo@crmpr.org.br | www.crmpr.org.br



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ